

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA – UNESP
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TELEVISÃO DIGITAL:
INFORMAÇÃO E CONHECIMENTO

Felippe Augusto Caetano Silva

**TELEJORNALISMO MÓVEL LOCAL: NOVAS POSSIBILIDADES DA TELEVISÃO
DIGITAL**

Bauru

2013

Felippe Augusto Caetano Silva

TELEJORNALISMO MÓVEL LOCAL: NOVAS POSSIBILIDADES DA TELEVISÃO
DIGITAL

Trabalho de Conclusão de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Televisão Digital: Informação e Conhecimento da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, para obtenção do título de Mestre em Televisão Digital sob a orientação da Professora Dra. Maria Cristina Gobbi.

Bauru

2013

Silva, Felipe Augusto Caetano.

Telejornalismo móvel local: novas possibilidades
da televisão digital / Felipe Augusto Caetano
Silva, 2013.

77 f. : il.

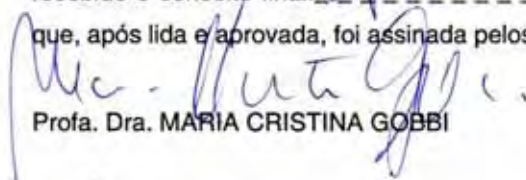
Orientadora: Maria Cristina Gobbi

Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual
Paulista. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação,
Bauru, 2013.

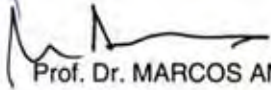
1. Televisão Digital. 2. Telejornalismo. 3. Telejornalismo Local.
4. Jornalismo Móvel. I. Universidade Estadual Paulista. Faculdade
de Arquitetura, Artes e Comunicação. II. Título.

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE FELIPPE AUGUSTO CAETANO SILVA, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TELEVISÃO DIGITAL: INFORMAÇÃO E CONHECIMENTO, DO(A) FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO DE BAURU.

Aos 20 dias do mês de fevereiro do ano de 2013, às 10:00 horas, no(a) Auditório da Seção Técnica de Pós-graduação da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da UNESP - Câmpus de Bauru, reuniu-se a Comissão Examinadora da Defesa Pública, composta pelos seguintes membros: Profa. Dra. MARIA CRISTINA GOBBI do(a) Departamento de Comunicação Social da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da UNESP - Câmpus de Bauru, Prof. Dr. MARCOS AMERICO do(a) Departamento de Comunicação Social da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da UNESP - Câmpus de Bauru, Prof. Dr. ROBERTO REIS DE OLIVEIRA do(a) Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade de Marília, sob a presidência do primeiro, a fim de proceder a arguição pública da DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de FELIPPE AUGUSTO CAETANO SILVA, intitulado "Telejornalismo móvel local: novas possibilidades da televisão digital". Após a exposição, o discente foi arguido oralmente pelos membros da Comissão Examinadora, tendo recebido o conceito final: aprovado. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que, após lida e aprovada, foi assinada pelos membros da Comissão Examinadora.



Profa. Dra. MARIA CRISTINA GOBBI



Prof. Dr. MARCOS AMERICO



Prof. Dr. ROBERTO REIS DE OLIVEIRA

Felippe Augusto Caetano Silva

**TELEJORNALISMO MÓVEL LOCAL: NOVAS POSSIBILIDADES DA TELEVISÃO
DIGITAL**

Área de concentração: Comunicação, Informação e Educação em Televisão Digital

Linha de pesquisa: Gestão da Informação e Comunicação para Televisão Digital

Banca examinadora:

Presidente/Orientador: Professora Dra. Maria Cristina Gobbi

Instituição: Universidade Estadual Paulista – Unesp

Professor 1: Professor Dr. Roberto Reis de Oliveira

Instituição: Universidade de Marília – Unimar

Professor 2: Professor Dr. Marcos Américo

Instituição: Universidade Estadual Paulista – Unesp

Resultado: **APROVADO**

Bauru, 20 de fevereiro de 2013

*A meus pais Carlos Augusto da Silva e
Maria Angélica Caetano Silva, minhas avós Maria Aparecida Galdino e
Adir Góes (In Memoriam), meu tio Carlos Caetano e amigos Rafael Turato
Crisostomo e Ana Carolina Gonçalves.*

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço à Deus pela proteção, discernimento e força nos momentos difíceis. Aos meus amigos e parentes que sempre me apoiaram na trajetória acadêmica e profissional. Aos professores Francisco Machado Filho, Roberto Reis de Oliveira e Marcos Américo durante a qualificação, defesa e principalmente à minha orientadora Maria Cristina Gobbi pela condução deste trabalho.

SILVA, Felipe. A. C. **Telejornalismo móvel local**: novas possibilidades da Televisão Digital. 2013. Dissertação de mestrado, defendida junto ao programa de Pós-graduação em Televisão Digital: informação e conhecimento, da Universidade Estadual Paulista - UNESP, 77 p., sob a orientação da Professora Dra. Maria Cristina Gobbi, Bauru, 2013.

RESUMO

A partir de estudos feitos sobre as formas de produzir conteúdos para o Telejornalismo local no Brasil, que tem importante papel de modificação social e de inclusão, este trabalho pretende apresentar algumas características necessárias que emissoras regionais de televisão e jornalistas precisam ter para se adaptarem as novas possibilidades que surgem com o Sistema Brasileiro de Televisão Digital Terrestre (SBTVD-T), principalmente no que diz respeito à mobilidade. A implantação da Televisão Digital no país representa mudanças nas formas de ver e fazer telejornalismo e, neste contexto, pretende-se contribuir com a geração de conhecimento e metodologias necessárias para o desenvolvimento de ferramentas e formatos dentro do modelo de telejornal local. Este trabalho tem como objetivo mostrar quais e como devem ser realizadas estas mudanças, nos setores da produção de conteúdo para o telejornalismo local, para que este gênero de jornalismo audiovisual se adapte as novas possibilidades da televisão digital, demonstrando as características da produção, reportagem, edição e apresentação do noticiário televisivo local. Com base no levantamento das novas características necessárias para que o Telejornalismo local se utilize das possibilidades da Televisão Digital pretende-se apresentar uma proposta de mudança na forma de fazer, editar e exibir uma reportagem, contando com as disponibilidades de mobilidade e inovação. Contextualizando a produção atual do Telejornalismo local com os desafios da Televisão Digital. O trabalho vai tomar como base a pesquisa qualitativa com levantamento bibliográfico e análise de dados repassados por emissoras locais de televisão a partir da implantação da Televisão Digital.

Palavras-chave: Televisão Digital. Telejornalismo. Telejornalismo Local. Jornalismo Móvel. SILVA, Felipe. A. C. **Local mobile TV Journalism:** new possibilities of digital television. 2013. Master's thesis, defended at the Postgraduate Program in Digital Television: information and knowledge, Universidade Estadual Paulista - UNESP, 77 p., Under the guidance of Professor Dr. Maria Cristina Gobbi, Bauru, 2013.

ABSTRACT

From studies done on ways to produce content for the Local TV Journalism in Brazil, which has an important role in social change and inclusion, this work presents some necessary features that regional television broadcasters and journalists need to have to adapt to the new possibilities that arise with the Brazilian System of Digital Terrestrial Television (SBTVD-T), especially with regard to mobility. The deployment of Digital Television in the country is changing the ways of seeing and doing TV journalism and, in this context, we intend to contribute to the generation of knowledge and methodologies necessary for the development of tools and formats within the model of the local newscast. This paper aims to show what and how these changes should be made in the sectors of production of content for broadcast journalism regional community so that this kind of visual journalism fits the new possibilities of digital television, demonstrating the new features of the production, reporting, editing and presentation of television news regional community. Based on the survey of new characteristics necessary for the Local TV Journalism suits the possibilities of Digital Television intends to propose a change in the way we make, edit and view an article, with the availability of mobility and innovation. Contextualizing the current production of Local TV Journalism with the challenges of Digital Television. The work will be based on qualitative research and analysis with literature data transferred by local television stations from the deployment of Digital TV.

Keywords: Digital Television. TV journalism. Local television news. Mobile Journalism.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO 2	O TELEJORNALISMO LOCAL.....	19
2.1	Um pouco de história.....	22
2.2	Múltiplas experiências do Telejornalismo Local nas duas maiores emissoras de televisão.....	26
2.3	Por dentro da redação.....	31
2.3.1	O dia na redação.....	34
2.4	Novas ferramentas da comunicação e o uso no Telejornalismo Local.....	41
2.5	As mudanças no perfil do jornalista frente às transformações advindas com o sistema brasileiro de televisão digital.....	44
2.5.1	Jornalista gestor do conhecimento e da informação responsável pela transformação social.....	48
CAPÍTULO 3	TELEVISÃO DIGITAL E TELEJORNALISMO LOCAL.....	49
3.1	Telejornalismo Local: mudanças e fortalecimento.....	54
3.2	A mobilidade à favor da notícia.....	57
3.2.1	Internet como canal de retorno e o telejornalismo local móvel.....	60
3.3	Desafios da mobilidade.....	62
3.4	Modelos de conteúdos.....	66
CAPÍTULO 4	CONSIDERAÇÕES FINAIS: O PAPEL DO TELEJORNALISMO LOCAL DIANTE DA MOBILIDADE DA TELEVISÃO	72
	REFERÊNCIAS.....	75

1. INTRODUÇÃO

A Televisão Digital no Brasil já é uma realidade para milhões de brasileiros. De acordo com a Anatel, em setembro de 2012, 46% da população brasileira tinha acesso à Televisão Digital. O número corresponde a mais de 88 milhões de pessoas com acesso a esta nova tecnologia.

Todo o processo de implantação do sinal digital no país começou em 1999, quando a Agência Nacional de Telecomunicações firmou um termo de cooperação técnica com o Centro de Pesquisa e Desenvolvimento - CPqD para definir o padrão de transmissão digital que seria adotado no país. Em 27 de novembro de 2003, foi criado um comitê do Sistema Brasileiro de Televisão Digital com o objetivo de definir o padrão a ser utilizado pelas emissoras. Em 2005, foi apresentado o modelo que seria usado no país. Um sistema baseado no padrão japonês, com um aprimoramento feito pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, PUC-Rio e pela Universidade Federal da Paraíba a UFPB.

Foi a partir de então que se concluiu que teríamos o SBTVD-T, ou seja, o Sistema Brasileiro de Televisão Digital Terrestre. A escolha do modelo japonês inicialmente para ser usado como base do sistema brasileiro, se deu principalmente pela diferença de recepção em comparação com outros modelos mundiais. O sistema japonês já permitia a recepção do sinal digital em qualquer lugar, seja por telefones celulares, aparelhos de TV portáteis ou qualquer dispositivo móvel com capacidade para este tipo de recepção. Além disso, permite ao telespectador a interatividade e possui sinal aberto e democrático, com acesso livre para todos os brasileiros.

O início das transmissões digitais no país ocorreu em 02 de dezembro de 2007 e foi realizada na cidade de São Paulo (SP). Aos poucos as emissoras de televisão passaram a se adaptar e modificar seus equipamentos e toda a estrutura de transmissão, migrando do sinal analógico para o digital. O prazo final para a conclusão de todo o sistema nacional, estipulado pelo Governo Federal e pelo Ministério das Comunicações é 2016. Este é o período máximo para que às emissoras tirem do ar o sinal analógico. A partir daí todas elas farão o que se chama “apagão analógico” e passarão a transmitir suas programações apenas em sinal digital.

A mudança, é claro, trouxe muitas expectativas para os telespectadores e para os geradores de conteúdos e ao mesmo tempo polêmicas. Afinal seriam necessários investimentos de alto custo, tempo e modificações nos padrões de captação e transmissão de seus conteúdos. Isso quer dizer na prática, a compra de novas câmeras, geradores, transmissores, antenas, ilhas de edição, iluminação, microfones entre outros equipamentos necessários para fazer uma transmissão de televisão. E muito mais que isso, é necessário mudar também a forma de se fazer televisão, com capacitação dos profissionais envolvidos e criação de novas metodologias produtivas. Por conta das possibilidades da Televisão Digital, os profissionais têm que se adaptar e as redações de telejornalismo não ficariam de fora destas mudanças. Mas aos poucos estas transformações estão ocorrendo, com planejamento e investimento. Hoje, em grande parte das emissoras já está em curso as transmissões em sinal digital ou com a transmissão efetivada, mas ainda faltam os avanços no que diz respeito à reestruturação da programação para atender as especificações e características de captação de sinal digital e atualização dos métodos produtivos e dos profissionais.

Porém cabe salientar algumas características da Televisão Digital que não podem deixar de ser conhecidas e entendidas para que possam ser implantadas com mais qualidade nas emissoras:

- **A qualidade da imagem:** com alta definição em até 1080 linhas e nitidez maior. Com a transmissão digital o telespectador passa a ver muito mais os detalhes nas imagens do que conseguia perceber anteriormente com o sinal analógico;
- **A qualidade de som:** com seis canais de áudio, o telespectador passa a ter uma noção mais real do som, não apenas em geração estéreo com dois canais. E esta mudança proporcionou ao telespectador uma imersão maior no conteúdo exibido pelas emissoras, algo próximo do que é possível ver nos aparelhos de DVD, Blu-Ray ou cinema;
- **O formato da tela:** no padrão analógico assistimos TV no padrão 4:3, com a TV Digital este número passa a 16:9, ou seja, a imagem na tela fica mais ampla com altura e largura bem mais significativas. É uma resolução maior com número maior de pixels por polegada;

- **A mobilidade:** este recurso faz com que o sistema brasileiro de Televisão Digital seja diferenciado, possibilitando aos telespectadores o acesso à programação em qualquer lugar, inclusive em movimento, seja no carro, no ônibus ou fazendo uma caminhada ao ar livre;
- **A interatividade:** Permite ao telespectador uma relação mais direta com as emissoras, participando ativamente do conteúdo, seja enviando informações ou recebendo dados adicionais aos da transmissão original, dentro ou fora do fluxo exibido pelas emissoras;
- **A qualidade do sinal:** com a TV Digital é possível assistir ao conteúdo das emissoras sem ruídos ou chuviscos na tela, comuns em alguns casos com a TV analógica.



Ilustração 1 – Resolução da Tela

Fonte: Ilustração criada pelo autor

Na ilustração acima podemos ver um exemplo de mudança que temos entre a resolução da tela e a qualidade da imagem em uma TV analógica e em outra TV, mas com sinal digital. Além da qualidade ser superior como foi dito anteriormente a

imagem fica maior, com uma resolução mais significativa e com uma imagem sem chuviscos, interferências ou ruídos.

Outra mudança significativa ocorreu também nos aparelhos de TV, que passaram de SD (*Standart Definition*) para HD (*High Definition*). Com isso as imagens e os sons das transmissões passaram a ser de alta definição. Para ter acesso a este sinal, os telespectadores precisam comprar conversores de sinal, os set top Box, que passam o sinal analógico para o digital ou mesmo aparelhos de TV que já venham com os conversores embutidos. Atualmente é possível encontrar inclusive dispositivos móveis com a tecnologia acoplada para a recepção do sinal digital como celulares, aparelhos de GPS e tablets.

Com tantas mudanças a programação e a geração de conteúdo também estão passando por muitas transformações. Não é mais possível apenas captar e transmitir um conteúdo da mesma forma como se fazia antes da Televisão Digital. Com esta nova tecnologia, tudo muda, desde a gravação até a recepção como vimos anteriormente.

As emissoras de televisão já estão se adaptando, não só com a substituição dos equipamentos, mas também com o aperfeiçoamento dos métodos produtivos e de geração de conteúdo, mas nas emissoras regionais que produzem o telejornalismo local, este processo ainda está distante do que se deseja ou da forma que poderia ser. E dentre estes produtos televisivos, o jornalismo também deverá passar por transformações radicais

O telejornalismo desde o início das transmissões da TV brasileira ainda na década de 1950 se firmou como ferramenta imprescindível de informação e de transformação social. E este gênero televisivo ganhou ainda mais força ao longo dos anos, já que a televisão se tornou a principal ferramenta de informação e entretenimento do brasileiro, estando, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – (IBGE), em 95% dos domicílios brasileiros, segundo o último Censo realizado em 2010. O que mostra que a maioria da população ainda tem a TV como companheira, mesmo com o advento da internet e dos dispositivos móveis.

E estes dados já são confirmados se falarmos apenas de televisão no padrão que conhecíamos até hoje, o de transmissão analógica comum, sem citar as TV's portáteis e os equipamentos complementares como celulares, tablets¹, smartphones² e outros dispositivos móveis que permitem acessar a programação da TV, de qualquer lugar mesmo estando em movimento.

Com a chegada da Televisão Digital e a expansão de suas características estamos acompanhando também uma mudança na forma de ver, fazer e consumir TV. E com o telejornalismo estas mudanças não são diferentes. Atualmente o telespectador não é apenas passivo, aquele que recebe informações e guarda para si, mas passou a se comunicar com a notícia e com a emissora de forma mais direta e instantânea. As notícias transmitidas pela TV, não só informam, mas modificam o meio em que vivemos. Dependendo do conteúdo que é gerado pelas emissoras, decisões são tomadas e como vimos nos últimos anos, até sistemas políticos são repensados. Este fenômeno, da proximidade da mídia com o telespectador, aliado à Televisão Digital faz com que o receptor tenha uma experiência mais intensa de assistir TV e acompanhar as notícias que são destaque em uma determinada localidade do país.

Estas transformações que estamos acompanhando nos últimos anos colocam o Brasil em um lugar privilegiado no cenário televisivo mundial. Temos uma TV democrática, gratuita e que além de informar, desenvolve seu papel transformador social e econômico. Além disso, com espaço para que o telespectador participe e contribua na programação e ajude a formar o conteúdo que é repassado pelas emissoras a evolução do telejornalismo local deve caminhar para um formato mais dinâmico, criativo, participativo e independente.

Com o trabalho em questão, pretende-se contribuir para a discussão de novas metodologias de geração de conteúdo jornalístico televisivo local, aproveitando as características da Televisão Digital, principalmente no que diz respeito à mobilidade, tema em questão neste trabalho. É claro que alguns pontos deverão ser adotados

¹ Dispositivo portátil que se iguala a um computador ou mesmo a um telefone móvel. É utilizado como ferramenta para a realização de várias tarefas como organização de atividades, leitura, execução de música ou vídeo, acesso à internet, comunicador ou até mesmo para entretenimento com jogos.

² Conforme a tradução do inglês é um telefone inteligente, que além de fazer e receber chamadas funciona também para o acesso à internet, a exibição de vídeos e músicas e o armazenamento de arquivos.

como padrão em grande parte das emissoras, mas alguns itens serão bastante específicos às emissoras locais.

O foco no telejornalismo local é dado tendo em vista seu importante papel na transmissão de informação e transformação social. Além disso, as emissoras locais ganharam força, principalmente nas últimas duas décadas, com fortes investimentos em transmissores, equipamentos, contratação de profissionais, ampliação dos espaços publicitários e de geração de conteúdo local. Atualmente aonde se vai, de norte a sul do país é possível se informar por meio de um telejornal local, que retrata realidades peculiares a cada região e aos fatos que marcam os espaços locais.

Com uma metodologia qualitativa de análise de dados e levantamento bibliográfico, este trabalho pretende apresentar não uma nova forma de fazer telejornalismo para as emissoras locais espalhadas pelos quatro cantos do país, mas, sobretudo, mostrar novas possibilidades que advêm da utilização da tecnologia digital, entre elas a mobilidade e a oportunidade de comunicar, informar e transformar à qualquer pessoa e em qualquer lugar.

Mas não há como olhar para o futuro esperando as novidades que estão por vir, sem analisar o presente e a forma como o telejornalismo local é feito nos dias de hoje. E olhando para o atual momento, é possível perceber que todos nós podemos ser geradores de conteúdo, jornalistas, produtores, radialistas ou não. Para isso precisamos estar atentos as mudanças do cenário tecnológico e preparados para as possibilidades da televisão digital. Por isso deve-se ter uma noção mais ampla da responsabilidade deste gênero televisivo e de seu papel na sociedade.

O Telejornalismo Local no Brasil sempre teve um papel social importante no desenvolvimento e na geração de conhecimento nas comunidades locais e interioranas. Com este trabalho, a intenção é verificar e sistematizar novas possibilidades de geração de conteúdo, fazendo com que o estilo de noticiário televisivo local se aperfeiçoe gerando novos formatos e se adaptando as características da Televisão Digital Brasileira, entre elas a mobilidade. Com a mobilidade é possível assistir a um programa de televisão em qualquer lugar, seja parado ou em movimento, e principalmente em dispositivos portáteis como celulares e tablets, não apenas ficando restrito ao aparelho de TV convencional.

O gênero local do telejornalismo televisivo se firma como uma importante ferramenta para a geração de conhecimento e transformação social. E tendo em vista os contínuos investimentos de emissoras regionais em suas programações locais, este trabalho se torna ainda mais importante, para nortear algumas mudanças necessárias na forma de fazer e ver telejornalismo diante das modificações que estamos acompanhando e que ainda estão por vir com o advento da Televisão Digital.

Aliando uma experiência de mais de dez anos em emissoras regionais, aos conhecimentos profissionais no telejornalismo local é possível afirmar que este trabalho deve ampliar o conhecimento pessoal, facilitando a geração de um novo entendimento do papel social da profissão de jornalista. Além disso, pretende-se contribuir com a discussão de novas ferramentas que devem ser indispensáveis para que o papel social do telejornalismo local se firme diante desta nova era que vivemos, a era digital.

Do mesmo modo, atuando no mercado diretamente na área abordada em questão neste trabalho, é possível perceber que muitas emissoras de televisão regionais se esqueceram da função social da comunicação e com a chegada da televisão digital haverá, inevitavelmente, um estreitamento do contato entre gerador de conteúdo e telespectador e com isso será preciso retomar a essência do telejornalismo, que é dar voz a comunidade, informando com qualidade, e sempre contando com a participação de nosso principal ator, neste caso, o público, chamado na atualidade por alguns pesquisadores de “interagente”. Com isso está pesquisa pretende oferecer alguns subsídios que poderão ser utilizados em projetos de emissoras locais, com o foco no fortalecimento do telejornalismo local.

Mostrar como funciona a rotina produtiva nas redações locais de jornalismo televisivo, evidenciando a evolução do telejornalismo local dentro das emissoras. Além disso, demonstrar quais devem ser as mudanças nos setores da produção de conteúdo televisivo para o telejornalismo local quem são necessárias para que este gênero audiovisual se adapte as novas possibilidades da televisão digital. Para dar conta deste desafio é necessário atender três objetivos específicos. São eles:

- 1) Com base no levantamento das novas características necessárias para que o Telejornalismo Local se adapte as possibilidades da Televisão Digital apresentar uma proposta de adaptação nas formas de se fazer, editar e exibir uma reportagem, contando com as disponibilidades de interação, inovação e principalmente mobilidade.
- 2) Contextualizar a produção atual do Telejornalismo Local frente às mudanças no cenário tecnológico com os desafios da Televisão Digital.

Para responder às assertivas apresentadas acima o trabalho em questão foi dividido em quatro capítulos: O primeiro pretende mostrar um panorama geral de como está e como é feito o telejornalismo local e criar uma relação entre esta forma de produção com as possibilidades da televisão digital. Apresentando a justificativa para a escolha e execução do trabalho e os objetivos com este desenvolvimento científico. No segundo estão apresentadas as características do telejornalismo local, relatando os modelos produtivos, um pouco da história deste gênero televisivo e contextualizando a atual produção local com as possibilidades da televisão digital. Na terceira parte do trabalho, pretende-se contribuir significativamente com a geração de informações e novas ou adaptadas metodologias de produção de conteúdo para o telejornalismo local, diante das características e possibilidades que a televisão digital brasileira apresenta. Além disso, apresentar novas formas de pensar telejornalismo local levando em conta uma das ferramentas apresentadas pela televisão digital, que é a mobilidade. E na última etapa do trabalho se faz uma avaliação da pesquisa com ênfase nos pontos estudados e reafirmando as características do telejornalismo local e as possibilidades que chegam com a televisão digital.

2. O TELEJORNALISMO LOCAL

O Telejornalismo Local ganhou força nos últimos anos, principalmente por conta dos investimentos feitos pelas emissoras de televisão, mas também por conta de um movimento econômico que se apresentou basicamente nas duas últimas décadas. A descentralização do poder econômico e a migração de empresas e indústrias para o interior mostraram uma mudança na configuração socioeconômica dos estados brasileiros como cita a pesquisadora Fadul no trecho à seguir:

As mudanças ocorridas na mídia regional brasileira, nas duas últimas décadas, estão relacionadas com o processo de desconcentração industrial de São Paulo e o deslocamento de indústrias importantes, como a automobilística, instalada em vários estados brasileiros, com o desenvolvimento do setor de serviços, especialmente aquele voltado para o turismo, que tem beneficiado as regiões do Nordeste e também do Centro-Oeste e Norte. (FADUL, 2006, p.23).

Atualmente há inúmeras empresas, inclusive multinacionais em todos os estados brasileiros e isso tem despertado o interesse das agências de publicidade e das emissoras de televisão, que ganharam uma nova forma de negócio e de divulgação de seus conteúdos.

No Brasil, grandes redes de televisão como a Rede Globo, o Grupo Bandeirantes, o Sistema Brasileiro de Televisão – (SBT) e a Rede Record, possuem emissoras afiliadas em várias partes do país.

Hoje é possível viajar para qualquer estado brasileiro e ter acesso à informações, notícias e a uma programação local, na maioria das vezes de qualidade. A regionalização das emissoras também trouxe este movimento para a produção do telejornalismo que ganhou espaço na programação nacional e se firmou com uma das principais fontes de informação da população.

A TV Tem, rede de emissoras afiliadas à Rede Globo, por exemplo, com sedes em Sorocaba, Itapetininga, Bauru, Jundiaí, São Carlos e São José do Rio Preto, ambas cidades no estado de São Paulo, possui um espaço significativo na programação da rede com seu conteúdo jornalístico local, o quadro a seguir mostra os horários na programação de segunda a sexta-feira onde os telejornais são exibidos:

Quadro 1 – Programação do telejornalismo local na TV TEM

Horário	Programa
06:32 – 07:15	Bom dia São Paulo
07:15 – 07:30	Bom dia Cidade
12:00 – 12:35	TEM Notícias 1ª Edição
12:35 – 12:42	TEM Esporte
19:00 – 19:24	TEM Notícias 2ª Edição

Fonte: Rede Globo, TV Tem, 2012

Analisando o quadro acima é possível perceber que as emissoras locais exibem em média, quase 10 horas e meia de programação local, semanalmente, voltada especificamente para o telejornalismo local.

A força do telejornalismo local se deu ainda mais nos anos 1990, com a criação de espaços específicos para a geração de conteúdo e notícias no interior. Uma das pioneiras em abrir estes espaços foi a Rede Globo. Mas antes de falar sobre o desenvolvimento do telejornalismo local é preciso entender a estrutura das emissoras de televisão no Brasil até o final de 2012.

Com exceção de alguns modelos existentes em redes de televisão, a maioria das emissoras no país mantém a estrutura do que chamamos de “cabeças de rede”, ou seja, as chamadas emissoras centrais, que detém a maior parte da programação. Estas emissoras estão em sua maioria instaladas em capitais ou grandes centros. Existem também as emissoras afiliadas, conhecidas como “praças”, que são retransmissoras da programação gerada pelas “cabeças de rede” e que também dispõe de horários na programação para a geração de conteúdos locais próprios, como vimos no caso da TV Tem. Estas emissoras podem ser ligadas ao mesmo grupo econômico ou associadas a outros grupos empresariais. Além disso, há também as emissoras consideradas “sucursais” que não possuem transmissão local, mas produzem conteúdo exibido nas emissoras afiliadas. Mas devemos ressaltar que ambas funcionam com uma autorização do Governo Federal que por sua vez

licita as concessões para a transmissão em determinados canais. Portanto as emissoras de televisão prestam um serviço público e que pode ou não ser mantido de acordo com a execução das normas aplicadas para estas empresas.

Para entender como funciona a estrutura das redes de televisão no país precisamos analisar a ilustração a seguir:



Ilustração 2 – Organograma das emissoras

Fonte: Ilustração criada pelo autor

As cabeças de rede são consideradas as emissoras principais como a TV Globo e TV Record São Paulo (SP). As afiliadas por sua vez são emissoras próprias no interior ou em outras capitais como a Globo Minas, a Globo Recife ou a Record Paulista em Bauru SP e a Record Rio Preto em São José do Rio Preto SP. E as sucursais são escritórios ligados às afiliadas ou às cabeças de rede como a TV Record Marília SP e TV Globo NY em Nova Iorque EUA.

Apesar de estarem diretamente ligadas às “cabeças de rede”, as emissoras afiliadas tem autonomia para produzir seus próprios conteúdos, negociar espaços comerciais e até mesmo gerenciar seus padrões de produção. Mas em alguns

casos, seguem um modelo pré-estabelecido pelas “cabeças de rede” no que diz respeito a negócios e geração de conteúdo.

Dados das próprias redes mostram a distribuição das emissoras de algumas redes de televisão no país:

Quadro 2 – Lista de emissoras próprias e afiliadas

sem contar retransmissoras e internacionais

Redes de Televisão	Emissoras
Rede Globo	126 emissoras
Rede Record	118 emissoras
Rede Bandeirantes	49 emissoras

Fonte – Sites das emissoras (2012)

2.1 UM POUCO DE HISTÓRIA

Antes de falarmos da prática do telejornalismo local temos que lembrar que ainda no século XX o cinema já fazia o papel de informar a população. Depois disso antes mesmo da televisão, o rádio também cumpriu um papel importante na formação de conhecimento e na disseminação de informações, o que se estendeu por mais de meio século. Só mesmo após os anos de 1950 com a chegada da televisão no Brasil é que aos poucos a população passou a se informar em casa, com imagem e som simultâneos. Após esta fase, houve investimentos de várias emissoras e a ampliação da programação informativa.

Segundo consta no material histórico divulgado pela Rede Globo, o Memória Globo, a emissora foi uma das primeiras emissoras a investir na programação local. A emissora que começou no Rio de Janeiro RJ exibiu entre 1967 a 1968 um telejornal que se chamava Telejornal Fluminense. O programa ia ao ar todos os sábados das 14h às 14h30 e com meia hora de duração levava aos telespectadores do estado do Rio de Janeiro, os principais assuntos que tinham sido destaque ao longo da semana.

Depois a emissora carioca lançou um produto chamado Globo em Dois minutos. O telejornal era exibido às 21h55 e levava aos telespectadores temas pertinentes a comunidade como problemas de buracos em ruas, falta de luz ou esgoto. E apesar de ter este nome o telejornal tinha 5 minutos de duração.

Em 1977 a TV Globo em São Paulo (SP), lança seu primeiro produto voltado para uma região específica, era o Bom Dia São Paulo que está no ar até hoje. O telejornal estreou em 18 de abril de 1977 e foi um dos pioneiros em transmissões ao vivo, contando inclusive com a participação de seus apresentadores em ocasiões especiais, ancorando os programas da rua.

Naquela época, a Rede Globo já tinha o Jornal Nacional, que até hoje é o principal produto jornalístico da emissora. O telejornal já destinava na época um de seus blocos ao noticiário local. Era neste bloco que as demais emissoras da rede entravam com suas programações locais ao vivo, exibindo as notícias que tinham sido destaque naquele dia. Mas para livrar o principal produto jornalístico da casa desta responsabilidade, a emissora criou o Jornal das Sete ainda na década de 1970 e que era exibido às 18h50, mesmo horário em que hoje todas as emissoras da rede exibem seus telejornais locais. Inicialmente o produto tinha 15 minutos de duração.

Em 1983 um marco no que diz respeito ao telejornalismo local. A Rede Globo lança a primeira versão do SPTV. O telejornal local foi ao ar na capital paulista inicialmente às 19h48 e seis meses depois de sua estreia começou a ser exibido também às 12h40, ou seja contando com duas edições diárias, inclusive aos sábados.

O noticiário local ao longo dos primeiros anos da década de 1980 ganhou versões em todos os estados onde a Rede Globo tinha emissoras próprias ou afiliadas. O Telejornal que também é chamado de “Praça TV”, por conta desta outra definição de emissoras afiliadas, ganhou nomes e versões de acordo com cada estado: DFTV para o Distrito Federal, RJTV para o Rio de Janeiro, MGTV para Minas Gerais e assim por diante.

Outro ano importante foi o de 1989, quando a Rede Globo lançou o Bom Dia Rio, nos mesmos padrões do Bom Dia São Paulo. O telejornal que ainda está no ar,

leva ao telespectador as primeiras notícias do dia, levando em conta um caráter informativo e basicamente com entradas ao vivo dos repórteres. Depois a emissora criou o mesmo produto nos demais estados como o Paraná (Bom dia Paraná) e Minas Gerais (Bom dia Minas).

Atualmente o “Praça TV” com as siglas dos respectivos estados é o principal produto jornalístico local da emissora. O programa dá destaque às notícias relacionadas à cidade, a comunidade, aos problemas sociais e a prestação de serviço. Em 1990 o programa saiu do ar na capital paulista e deu espaço ao São Paulo Já, que ficou na programação local da TV Globo São Paulo até 1995, quando deixou de existir para abrir espaço mais uma vez ao SPTV.

A TV Record também seguiu os mesmos caminhos trilhados pela Rede Globo e principalmente na década de 1990 criou diversos modelos de noticiário local, a maioria exibida na capital paulista, onde está uma das sedes da emissora. No fim da década de 1990 a TV Record lançou o “Record Urgente”, que foi precursor do atual Balanço Geral, um dos principais produtos jornalísticos locais da emissora. O mesmo que ocorreu na TV Globo foi registrado na Rede Record com a implantação do Record Urgente em diversos estados brasileiros e em várias “praças” da emissora.

No início dos anos 2000 a Rede Record cria o Balanço Geral, programa que está no ar até hoje em todas as emissoras “cabeças de rede” e afiliadas do grupo. O programa que vai ao ar atualmente no horário do almoço, do meio dia a uma e meia da tarde é um dos principais concorrentes, em relação à audiência, do SPTV.

Já em 2010, para concorrer com o SPTV 2ª edição da TV Globo em São Paulo SP, a TV Record reformula seu noticiário noturno local e fortalece o SP Record, que depois foi adotado também nas demais “praças” da emissora como RJ Record para o Rio de Janeiro RJ, MG Record para Belo Horizonte MG, Bahia Record para Salvador BA e assim por diante de acordo com cada estado.

Em 03 de dezembro de 2007 a TV Globo São Paulo cria um novo programa jornalístico local ainda mais voltado para a prestação de serviço. O Radar SP que até hoje está no ar. O programa é exibido de segunda a sexta-feira às 8h e tem

como objetivo levar ao telespectador paulistano tudo o que acontece em relação ao tempo e ao trânsito.

Para observarmos melhor os principais produtos criados pelas duas maiores emissoras de televisão do país atualmente em número de afiliadas, nas últimas décadas vamos ver o quadro a seguir:

Quadro 3 – Principais Telejornais Locais

Emissora	1960	1970	1980	1990	2000
Rede Record				- Record Urgente	- Balanço Geral - SP Record
Rede Globo	- Telejornal Fluminense	- Bom dia São Paulo - Jornal das Sete	- SPTV - Bom dia Rio	- São Paulo Já	- Radar SP

2.2. MULTIPLAS EXPERIÊNCIAS DO TELEJORNALISMO LOCAL NAS DUAS MAIORES REDES DE TELEVISÃO

Desde o início o telejornalismo local permanece mantendo o conceito básico de sua primordial função: informar. Conforme cita Paternostro:

Tão antiga quanto o ser humano é a luta que ele enfrenta para criar meios de receber e passar adiante a informação e o conhecimento. Sinais de fumaça, batidas de tambor, gestos e inscrições nos levam a refletir sobre a existência dos códigos diante de uma necessidade vital na sociedade humana: descobrir formas para superar barreiras na comunicação. (PATERNOSTRO, 2006, p.17).

Esta necessidade relatada pela autora revela uma busca desde o princípio da humanidade por se comunicar, informar e transformar o ambiente em que vive por meio da notícia. Mas, além disso, este gênero televisivo também se preocupa em prestar um serviço à comunidade e manter seu papel de transformação social por meio da comunicação.

Ao longo da última década o telejornalismo local se modificou. Foram inúmeras as tentativas de aproximar o telejornal do telespectador, vários foram os experimentos e as mudanças que nem sempre se adequaram a realidade de quem está do outro lado da tela. As emissoras de televisão, que possuem programação local com a exibição de noticiários exclusivos para uma determinada área de cobertura, aos poucos, perceberam que o público não queria apenas assistir as notícias de uma localidade, mas assistir a estas notícias com qualidade, inovação e mais participação e, isso só foi conquistado ao longo de muita experimentação.

É possível fazer uma nova TV respeitando os princípios de participação popular e de gestão coletiva em curso e até aperfeiçoá-los, se a meta for torná-la um meio de comunicação pública no sentido de ser plural e servir de canal de expressão dos segmentos excluídos do poder de comunicar por meio das tecnologias de comunicação disponíveis na sociedade (PERUZZO, 2007, p. 142).

Prova disso foram as mudanças feitas por duas redes de televisão do Brasil, a “Rede Record” e a “Rede Globo”, que passaram a dar mais destaque ao que o telespectador queria ver e não apenas ao que seus jornalistas achavam mais importante que fosse noticiado. Na grande São Paulo, por exemplo, o SPTV, passou

a disponibilizar na internet um canal direto ao telespectador, onde ele pode enviar sugestões, críticas e muito mais que isso, participar ativamente da produção de conteúdo do programa, com envio de vídeos, fotos e notícias produzidas na própria comunidade. Desde 2010 o programa exibe semanalmente um quadro chamado Parceiros do SPTV, onde os telespectadores recebem uma equipe de reportagem da emissora, mas eles próprios produzem o conteúdo que será exibido na primeira edição do telejornal. O projeto tem sido tão bem sucedido que até serviu de inspiração para outros modelos, em diversos canais de televisão.

A Rede Record também implantou projetos que permitissem ao telespectador uma participação maior. Com o crescimento do programa Balanço Geral, para citar um exemplo, o telejornal local que vai ao ar no horário do almoço a partir do meio dia nas afiliadas e emissoras da rede no interior, e pela manhã também, a partir das 6h30 na capital paulista, em números consolidados de audiência e faturamento comercial, além de uma divisão maior da audiência popular com a Rede Globo, a Record passou a ouvir os telespectadores de maneira mais direta e deixar que eles falassem de forma mais aberta e clara. Também de 2010 até meados de 2012 foi exibido semanalmente um quadro chamado Tribuna do Povo na emissora de Bauru (SP). O quadro coloca a população ao vivo para comentar os problemas enfrentados em um determinado bairro. Este perfil é seguido por outras praças da TV Record, mas com nomes e formatos diferentes, porém com o mesmo objetivo, fazer a comunidade ter mais voz e ser ouvida.

A Rede Globo abriu este tipo de espaço em meados da década de 1990, com a criação do quadro Bronca do Povo, exibido no SPTV, que tinha um viés semelhante ao do Balanço Geral, e que era exibido no SPTV. Mas o quadro não ficou muito tempo no ar principalmente pelo desgaste da fórmula. Na época, a emissora em São Paulo (SP) também colocava os telespectadores ao vivo no programa, mas com um diferencial do que é feito pela Rede Record. Destinava o mesmo espaço na programação e quase simultaneamente as autoridades responsáveis pela resposta a determinado problema. O que na época foi um marco no telejornalismo local voltado ao seu papel social. Mas o principal problema deste tipo de programa jornalístico é que os telespectadores passaram a acreditar que a emissora era a responsável por resolver determinado problema e não apenas

divulgar e cobrar uma resposta das autoridades. Com isso, este formato caiu no descrédito do telespectador, que passou a apenas acompanhar as notícias de sua região e não mais fazer parte delas. Como relata Tourinho, não basta inovar, mas é preciso que a inovação seja absorvida pela sociedade:

Pode-se dizer, então, que a inovação é uma “aposta” no desejo da sociedade de ter suas necessidades humanas atendidas em melhores condições. Mas também na capacidade desta sociedade em absorver novos modos e hábitos de consumo (TOURINHO, 2009, p.167).

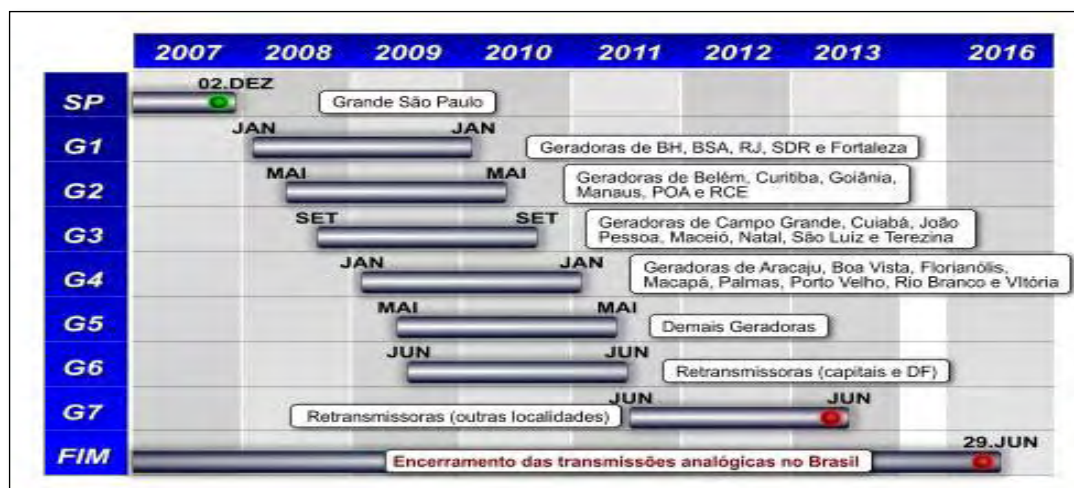
Fato é que o telejornalismo local não se resume a mostrar problemas e cobrar soluções e foi exatamente isso que perceberam alguns gestores das emissoras locais nos últimos anos. Tanto a Rede Globo, como a Rede Record, perceberam que era preciso estar mais perto do telespectador, mostrando tudo aquilo que realmente interessa a sua audiência. Sem deixar de lado é claro o papel social de buscar soluções para problemas locais, mas principalmente fazendo um telejornalismo mais amplo e sem perder o foco nos princípios do que é local ao mesmo tempo, com linguagem mais direta ao telespectador e assuntos pertinentes aos problemas de uma determinada localidade. Com isso cresceu o espaço para a divulgação de agendas comunitárias como datas de campanhas de vacinação, rodízio de veículos, classificados de empregos e oportunidades de trabalho, notícias a respeito de prazos de cadastramento e pagamento de taxas públicas. Tudo isso fez com que o telejornalismo local recuperasse o prestígio conquistado nos anos 1990. Mas a ampliação deste espaço e não somente a divulgação das notícias do dia, fez com que os jornalistas precisassem estar mais próximos da comunidade.

Algumas experiências que foram abandonadas na década de 1990 como a participação dos apresentadores ao vivo nas ruas ancorando os telejornais próximos ao telespectador voltaram. Isso sem falar da mudança na forma de apresentar o telejornal. O apresentador passou a deixar de lado as quadradas e engessadas bancadas e alternaram em momentos em pé, sentados e comentando mais as notícias. Em alguns casos até emitindo opiniões sobre determinados assuntos. Neste sentido a função do âncora passou a ser ainda mais importante. Estas mudanças ocorreram inicialmente nas duas redes de televisão, a Rede Record e a Rede Globo, mas hoje o padrão já é espelho para as outras emissoras. Por este

motivo é preciso pensar também em questões como formato, enquadramento, tempo, entre outras coisas, quando falamos da possibilidade que a mobilidade, vinda com a TV Digital proporciona.

Com a chegada do Sistema Brasileiro de Televisão Digital Terrestre no país, oficialmente a partir de dezembro de 2007, as opções para se aproximar do telespectador aumentaram significativamente no telejornalismo local, porém as novidades neste sentido ainda não passam de projetos na maioria das emissoras do país. Até 2010 quando se ouvia falar em interatividade, por exemplo, o que de mais concreto se fazia era pedir para que o telespectador mandasse um torpedo via celular, um e-mail, ou fizesse uma ligação para a redação dando uma sugestão de pauta ou fazendo um comentário. A televisão digital mudou a forma de interação que antes era feita por meio de carta ou telefonema à emissora para algo mais direto. Apesar de ainda hoje estes serem os únicos recursos utilizados pelas emissoras e seus geradores de conteúdo.

Infelizmente as emissoras regionais ainda caminham a passos lentos na implantação de tecnologias que permitam a interatividade plena entre a grade de programação e o telespectador, apesar de muito se discutir sobre o tema. Outra dificuldade é a digitalização das emissoras regionais, que demanda investimentos milionários e alta capacidade produtiva. Até o final de 2013 o governo brasileiro pretende que o Ginga, middleware desenvolvido no país e que pode ser utilizado para a implantação de aplicativos interativos esteja em 75% dos modelos de televisão fabricados no Brasil e até a conclusão da implantação do sinal digital em 2016 em 100% dos aparelhos o que permitirá o uso de aplicações interativas, segundo o Ministério das Comunicações. Mas para entender a perspectiva de implantação do Ginga, precisamos também analisar os prazos dados pelo Governo para o fim das transmissões analógicas no país, como mostra o quadro a seguir:



Quadro 3 – Cronograma de instalação da TV Digital no Brasil
 Fonte: <http://www.dtv.org.br>, acessado em dezembro de 2012.

Algumas emissoras da Rede Globo como a RPC TV no Paraná e a EPTV em São Paulo criaram até departamentos exclusivos para se pensar em como aproximar o público do produto exibido por meio da interatividade e da televisão digital, mas estas experiências ainda não deslancharam.

A TV Record no estado de São Paulo ainda caminha devagar quando o assunto é criar mecanismos de interação por meio de ferramentas da televisão digital. Apesar de alguns experimentos em minisséries e novelas, o telejornalismo local ainda está longe de ser contemplado por estas possibilidades. Mas já há algumas experiências na capital Paulista e em Belém (PA), por exemplo. Em São Paulo (SP) a emissora disponibiliza conteúdos adicionais em alguns programas que mesclam jornalismo e variedades como o Hoje em Dia, proporcionando ao telespectador mais interatividade e acesso a informações adicionais. Assim como é feito na capital Paraense. A TV Digital brasileira proporcionará como já foi amplamente estudado, mais interatividade, mobilidade, qualidade de som e imagem e acessibilidade. Com isso as mudanças que até então permaneciam discretas podem passar a ser mais constantes e visivelmente percebidas nos telejornais. O tema já foi amplamente discutido ao longo da evolução da própria televisão, como relata Lauro Teixeira.

A TV interativa não é uma novidade que chega com a digitalização do meio, ela apenas se reestrutura com a TV digital. Diferentes modos de interação sempre existiram na televisão, e muitos deles tiveram êxito. A história da TV interativa se confunde com a própria história da televisão e com a de muitas

inovações tecnológicas voltadas para a comunicação desde que a televisão existe (TEIXEIRA, 2009, p. 38).

Com tantas novidades e transformações que o telejornalismo passa será necessário uma compreensão ainda maior de seu papel e sua função social. Para tanto os profissionais da área também deverão se conscientizar da responsabilidade de produzir conteúdo jornalístico televisivo.

2.3. POR DENTRO DA REDAÇÃO

Antes de falarmos sobre as possibilidades que a Televisão Digital proporciona ao telejornalismo local, precisamos entender como funciona a rotina produtiva de uma redação. Os processos são praticamente os mesmos desde que o telejornalismo começou nos anos 1950. Mas algumas ferramentas se aprimoraram, outras surgiram e o mais importante, a forma de levar a notícia até o telespectador mudou, principalmente por conta da evolução tecnológica.

No início a palavra interatividade era praticamente proibida dentro das emissoras de televisão. O telespectador apenas acompanhava ao noticiário para se informar e não participava ativamente no processo de concepção e criação da notícia, até que com a evolução do gênero, foi possível perceber que o telespectador também era um elemento importante no processo de criação da notícia, afinal, ele era um dos responsáveis por gerar a história que seria contada, não bastava informar os fatos que de mais relevância se deram em um determinado dia, era necessário levar estes fatos ao público de maneira com que eles se interessassem.

Estas mudanças foram ocorrendo gradativamente na produção de notícia para a TV. No Brasil, este fenômeno se deu mais tarde, principalmente influenciado pelo padrão americano de fazer notícia televisiva, onde o telespectador participa, opina e reage ao conteúdo que é repassado e não somente o telespectador, mas também o apresentador. Com a afirmação do papel de âncora, os noticiários passaram a ter cara e jeito de quem faz e assiste.

Basicamente a estrutura de geração da informação nas emissoras não mudou e não é diferente nas cabeças de rede ou grandes centros, nem nas emissoras afiliadas do interior. Neste ponto vale ressaltar uma frase utilizada por Bonner³ em seu livro sobre o Jornal Nacional, um dos telejornais mais antigos do país ainda no ar e que apesar de ser um produto de rede, leva em si elementos essenciais do telejornalismo, seja local ou nacional: “O Jornal Nacional tem por objetivo mostrar aquilo que de mais importante aconteceu no Brasil e no mundo naquele dia. Com isenção, pluralidade, clareza e correção”. (BONNER, 2009, p.17).

No telejornalismo local esta afirmação também se aplica, mas com uma diferença, o papel do telejornalismo local é mostrar diariamente tudo aquilo que ocorreu de mais importante em uma determinada região, com a linguagem daquela localidade. Estes são elementos fundamentais para se exercer o papel de jornalista televisivo.

O telejornalismo local possui algumas características peculiares, entre elas o fato de aproximar o telespectador da notícia e criar um senso de proximidade entre ele e a emissora. Conforme relata Coutinho, o papel do telejornalismo local se firma ainda mais com o estreitamento da relação entre telejornal e cidadão.

Ao inserir em sua programação, especialmente nos telejornais, imagens do cidadão comum, de entrevistados que estão nas ruas, prontos a dar sua opinião e ter sua imagem multiplicada, a emissora busca reconstruir sua marca local, de realização do que denominou-se de jornalismo de proximidade. (COUTINHO, 2006, p.15)

O telejornalismo local possui algumas características próprias como vamos observar a seguir:

- **Proximidade entre o fato e o telespectador:** O telejornalismo local tem o papel de aproximar o público da notícia. Não basta noticiar um acontecimento se ele não estiver relacionado com as pessoas a sua volta. Para isso, interessa muito mais ao telespectador saber o que se passa em sua rua, no seu bairro ou em sua cidade do que necessariamente sobre o que acontece em outro estado ou país. É

³ Willian Bonner, escritor, apresentador e editor chefe do Jornal Nacional, programa jornalístico exibido pela Rede Globo de Televisão.

claro que a notícia nacional e a notícia internacional, tem importante papel na formação da opinião e do conhecimento, mas é o telejornalismo local que tem o papel de informar uma determinada região;

- **Linguagem informal e prestação de serviços:** Outra característica deste gênero é estar próximo ao telespectador também por meio da linguagem. A narrativa, ou seja, a forma de contar, o sotaque, as colocações, a imagem, os locais, os personagens, todo este contexto coloca o telespectador mais próximo da notícia e cria uma relação mais fiel da importância daquela informação para um bairro, uma cidade ou uma região. Como fala de problemas de uma determinada localidade não usa termos complexos ou palavras difíceis, tem que ser de fácil compreensão;
- **A cobrança:** Não é assistencialista, mas mantém a característica de cobrar mais firmemente a resolução dos problemas enfrentados pela comunidade. Assim como a essência do jornalismo prevê o “outro lado”, ou seja, ouvir também quem está sendo denunciado e todos os pontos de uma história, o telejornalismo local também respeita esta função primária da profissão, mas com a diferença de ter o papel mais marcante no que diz respeito à cobrança dos problemas da sociedade, até porque dispõe de mais tempo na programação do telejornal para isso e tem o compromisso com uma região específica e não com um país inteiro, com dimensões continentais, como é o caso dos telejornais de rede.

2.3.1. O DIA NA REDAÇÃO

Assim que chegam às redações logo cedo, os jornalistas tem a função de se interar do que está ocorrendo na cidade e na região, buscar informações sobre os principais fatos que foram destaque naquela noite e no dia anterior, a fim de saber se há a necessidade de novas atualizações, dependendo da notícia. Este papel é desempenhado na maioria das vezes pelos produtores. São jornalistas responsáveis por fazer o levantamento do “menu” do dia, ou seja, tudo que poderá ser destaque nos telejornais da emissora ao longo da programação, o cardápio de notícia como também se chama nas redações.

É neste momento que são feitas as ligações para os departamentos de segurança como Corpo de Bombeiros e Polícia Militar, são lidas as manchetes e principais matérias dos jornais impressos e é acompanhado em tempo real o noticiário do rádio e da internet. A partir daí, os repórteres e editores que vão chegando à redação já começam a receber estes pareceres dos colegas produtores que desenvolveram a pauta com base em informações novas, exclusivas ou dando continuidade à cobertura feita no dia anterior. Além disso, cabe ressaltar, que a própria emissora é responsável por gerar conteúdo novo, aquele pensado e produzido pelos próprios profissionais, matérias inéditas ou que são pautadas de acordo com a necessidade do dia e de cada telejornal.

Neste ponto vale a pena ressaltar a importância do telespectador na rotina produtiva mais uma vez. É neste caso que um telefonema, um e-mail ou uma carta como se fazia no início, são importantes, porque estas fontes servem de combustível para a criação de uma boa pauta e posteriormente para a execução de uma reportagem. Com a Televisão Digital, as possibilidades de estreitamento deste caminho entre o telespectador e o jornalista ficam ainda menores. Leve-se em conta o caso dos televisores conectados, que já permitem acesso à internet direto pela tela do aparelho, com isso o telespectador pode ao assistir uma notícia encaminhar uma sugestão, uma crítica ou uma atualização de determinada notícia que é repassada pelos jornalistas, em tempo real.

Hoje com as redes sociais e o avanço cada vez maior da internet, é possível que o telespectador mande uma sugestão de reportagem, uma imagem ou até

mesmo um vídeo direto do local onde um fato esteja ocorrendo, sem a necessidade do deslocamento de uma equipe de reportagem até o ponto em questão. Por este motivo a importância da mobilidade no cenário atual de transformação de analógico para digital. E isso além de facilitar o trabalho do jornalista gera dinamismo e instantaneidade ao noticiário televisivo, o que se tem no rádio e até na internet e que a televisão também busca com as entradas ao vivo. Mas ainda assim, é importante entender que toda notícia que vem da rua, de um telespectador, deve e precisa ser checada pelo departamento responsável antes de ser veiculada, a fim de se manter a credibilidade e a veracidade dos fatos.

Com base nas informações preliminares de uma pauta que conta com as marcações de endereços, contatos, nomes dos entrevistados, locais para gravação e dados sobre a notícia, o repórter vai para a rua em busca de captar as imagens e entrevistas necessárias para a execução da reportagem.

Na rua o trabalho do repórter ganhou praticidade e agilidade com os novos dispositivos tecnológicos. O telefone celular, os computadores portáteis, os rádios comunicadores, tudo isso ajudou o repórter na execução da matéria e isto vamos ver a seguir quando falaremos sobre as novas ferramentas utilizadas pelos jornalistas na execução das tarefas diárias. Atualmente o repórter consegue se comunicar com a redação, buscar informações e confirmar dados até mesmo pela internet contando com os recursos móveis à disposição. Isso sem falar na possibilidade de entradas ao vivo na programação relatando o fato no momento em que ele acontece, por um comunicador instantâneo por exemplo como chamada de vídeo no Facebook, Skype ou MSN, que são programas de computador com disponibilidade de comunicação direta entre os usuários cadastrados, sem a necessidade de um LINK direto com a emissora, mas contando apenas com um telefone celular com acesso à internet de alta conexão. Como vimos anteriormente, estas ferramentas passaram a ser mais utilizadas pelos profissionais de televisão, para não perder espaço para o rádio ou a internet que leva ao público a notícia no momento em que ela ocorre, sem a necessidade de esperar o início de um telejornal, por exemplo.

Com a criação de novos produtos jornalísticos na televisão e a cobertura da grade de programação com mais espaços para o noticiário local isto se tornou ainda mais viável. Isso sem falar na possibilidade de uma interligação maior entre a

internet, ou seja, os portais de notícias das próprias emissoras de rede ou locais, e as redações em si. Como vimos anteriormente, a internet se tornou uma ferramenta imprescindível para o exercício da profissão de jornalista e por meio dela, seria possível transmitir uma informação a qualquer hora, sem o aprisionamento que os telejornais convencionais tem com a grade de programação das emissoras.

Após a execução da reportagem na rua, o repórter volta para a redação com o conteúdo produzido. O material é assistido e editado por um jornalista que ocupa a função de editor de texto. A partir daí é verificado varias vezes pelos diretores executivos do telejornal, modificado se for o caso, até o momento da exibição.

Mas o trabalho dos jornalistas de TV não para quando o jornal começa ou quando ele termina, pelo contrário, é constante, já que a notícia não tem hora para acontecer. Conforme vão surgindo os fatos e de acordo com a capacidade produtiva da emissora as reportagens vão sendo feitas. E podem inclusive ser atualizadas ao longo do telejornal, mesmo quando o produto está no ar. E este ciclo se repete todos os dias. É o que conhecemos como rotina produtiva no telejornalismo local.

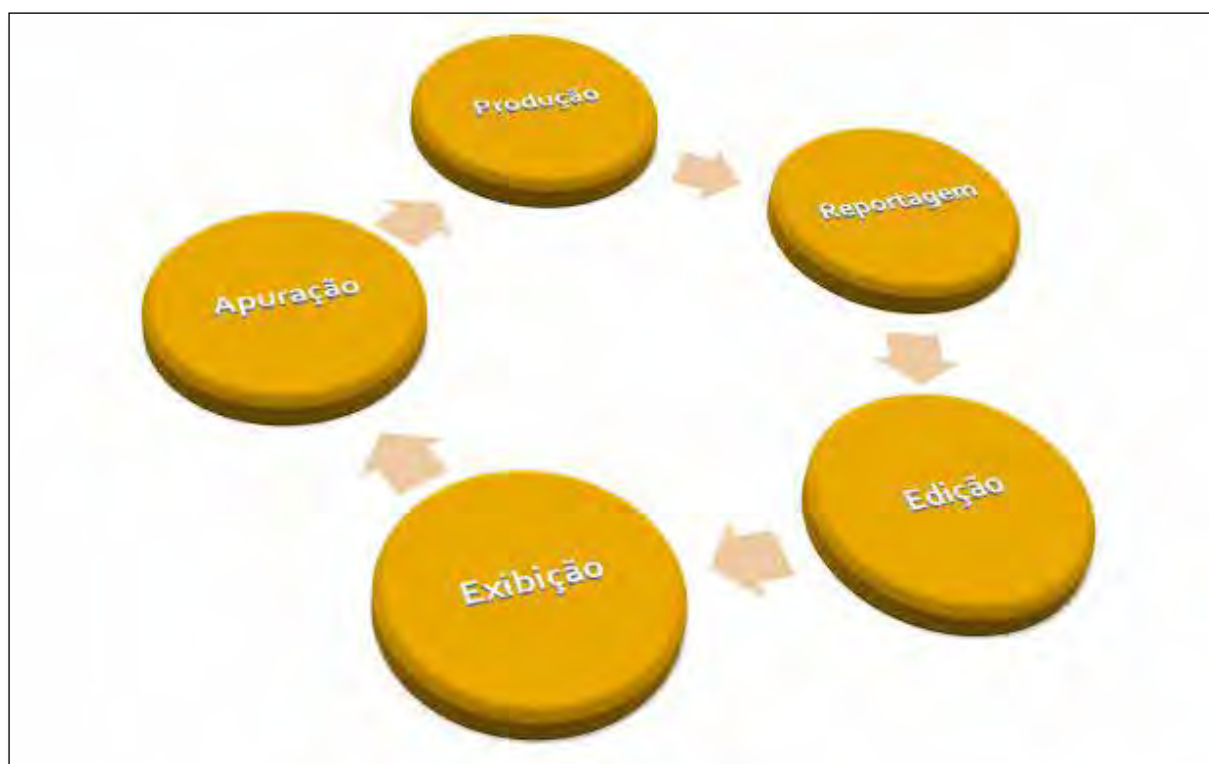


Ilustração 3 – Rotina produtiva nas redações

Fonte: Desenvolvido pelo autor da pesquisa

Quando o telejornal começa, todos os responsáveis pela exibição, ou seja, técnicos, jornalistas, apresentadores e editores já sabem exatamente o que eles terão de conteúdo. Mas este cardápio pode mudar ao longo do programa. Com a televisão digital, a possibilidade de um envolvimento maior do telespectador e até mesmo de sua interação com a emissora, o produto não ficará fechado. A qualquer momento pode chegar uma nova informação e isso muda todo o roteiro do telejornal. Mas com as ferramentas tecnológicas dispostas hoje em dia, qualquer pessoa poderá ser geradora de conteúdo também para as emissoras. Ou seja, digamos que o telejornal está dando uma notícia sobre um engarrafamento em uma das marginais da cidade de São Paulo SP, se houver dentro de um ônibus ou de um carro um telespectador parado no trânsito e, se ele possuir recursos para isso poderá enviar em tempo real uma foto, um vídeo, ou mesmo uma informação direto para a redação, a ponto que esta notícia seja repassada para os demais telespectadores instantaneamente, dependendo da abertura na grade de programação da emissora e com uma atualização instantânea, não dependendo apenas de informações oficiais nem da presença de um repórter no local. Mesmo assim, dependendo de uma prévia checagem da equipe de produção da emissora.

Isso sem falar na possibilidade do telespectador entrar ao vivo por meio de uma chamada de vídeo com imagens do local, como a participação de um personagem que pode ser entrevistado pelo âncora e contar o que se passa naquele local e no exato momento em que a notícia acontece, isto já é possível dentro da realidade atual da tecnologia, mas ainda pouco utilizado pelas emissoras locais, por falta de interesse ou mesmo de investimentos. E cabe ressaltar que mesmo sem imagem, mas com áudio, este recurso já é amplamente utilizado pelo rádio, quando ouvintes entram ao vivo com informações em tempo real. É claro que a participação do telespectador neste sentido não deve ser imediata sem uma anterior checagem do conteúdo, ou mesmo gravação do material, para evitar surpresas e problemas com a transmissão. Toda e qualquer informação vinda da rua, de um telespectador ou repórter deve ser confirmada e chegada, como preconiza os preceitos do telejornalismo antes de ir ao ar.

É claro que estas possibilidades existem e ficam mais latentes com a televisão digital, mas precisam ser amplamente discutidas pelas emissoras. E é preciso saber ainda se há o interesse da direção das empresas de comunicação em

permitir este acesso do telespectador. Mesmo assim deve-se saber que estas ferramentas estão disponíveis e o uso delas talvez seja imprescindível nos próximos anos, como relata Tourinho no trecho a seguir:

O que desejamos é reforçar esta cultura, capacitar o processo de inovações com ferramentas científicas, questionando paradigmas e apresentando propostas de mudanças. E isso se dará com a o desenvolvimento de abordagens analíticas e de instrumentos que impulsionem os processos de inovação. (TOURINHO, 2009, p.255).

Com estas ferramentas o conteúdo do telejornal poderá mudar a qualquer momento. Desde que haja interesse e disposição dos gestores da notícia para que isso aconteça. E vale a pena ressaltar, que não são apenas os telespectadores que poderão participar da construção do telejornal em tempo real, mas os próprios jornalistas poderão fazer essas inserções desde que se tenha estrutura e espaço no roteiro e na grade de programação para isso.

Atualmente o roteiro de um telejornal segue uma sequência lógica de conteúdo que é preenchida de acordo com o repertório de notícias daquele dia. Existe uma abertura ou escalada⁴, onde é possível saber qual o repertório do telejornal naquele dia. As reportagens que podem ser exibidas por meio de matérias mais completas, os chamados VT's, ou notas, sendo cobertas com imagens ou peladas, sem imagens sobrepostas. Além disso, existem as passagens de bloco, onde o apresentador anuncia os assuntos de destaque que ainda serão exibidos no telejornal e as entradas ao vivo. As ilustrações abaixo mostram um exemplo de como é o script de um telejornal local:

⁴ Edição de imagens com áudio de locução do apresentador elencando os principais assuntos que terão destaque naquele dia no telejornal.

Easynews v.4.2.61 - Licenciado para: TV Record Bauria (Temporário) (Matrão)

Telefones: 04 Data: 03/11/2011 Fado: 00:26:15 Tempo: 00:23:56 Diferença: 00:02:19 20:53:08 00:30:00

Espeho (Fase Matrão) SPRecord 03/11/2011

Ord	Tipo	Referencia	Mun	Rep	Loc	Can	VT	Mai	Fila	Usu	Apv	Obs	Imp	Ord	Id
--- 1º BLOCO ---															
001	IMAGE	CHAMA MRA OPERAÇÃO FAVELA + IMAGEN	BRU	ADEF	foae	00:19	00:00	00:19		foae	Pro		17		
003	NC	NC BLITZ FM	BRU	Idaz	foae	00:09	00:29	00:27		Pro	mony		17		
004	VT	VT BTU FURTO LUGA	BDTU	ecal	foae	00:10	02:15	02:33		mony			17		
005	VT	VT SORO TRAFICO PISTA CAMINHADA	SORO	fa	foae	00:13	01:02	01:16		Pro	mony		17		
006	VT	VT SAURU ACIDENTE CAMINHÃO	BRU	pros	foae	00:09	00:53	01:02		foae	mony		17		
006	VT	VT GARÇA AMPUTA DEDO	GARÇ	Fem	foae	00:12	01:55	02:07		Pro	mony		17		
007	NOTA	PÉ GARÇA AMPUTA DEDO	BRU	ADEF	mol	00:09	00:00	00:09		Pro	mony		17		
007	VT	VT CHAMADA DOM ESPET / REP RECORD	BRU	ADEF	foae	00:13	01:13	01:26		foae	mony		17		
008	VTPAS	PASSAGEM 1 - CHACARA CIGARROS	SOD	ADEF	foae	00:25	00:12	00:37		Pro	mony		17		
--- 2º BLOCO ---															
009	IMAGE	NOTA AVARE OPÇA CAPTURADA + IMAGEN	BRU	ADEF	ADEF	00:29	00:00	00:29		Pro			17		
010	VT	MDCHI SAURU COPA RECORD DURO	BRU	ADEF	foae	00:14	01:00	01:14		marc			17		
011	VT	VT ESPECIAL SAURU ESPERA BIÓPSIA	BRU	foae	foae	00:13	01:59	02:12		foae	mony		17		
012	NOTA	NOTA PÉ ESPECIAL ESPERA BIÓPSIA	BRU	ADEF	foae	00:29	00:00	00:29		Pro			17		
013	IMAGE	NOTA SOR JUDGAMENTO + IMAGENS	BRU	ADEF	foae	00:43	00:00	00:43		Pro			17		
014	VTPAS	PASSAGEM 2 - OPERAÇÃO FAVELA	SOD	ADEF	foae	00:32	00:12	00:44		Pro			17		
--- 3º BLOCO ---															
015	VT	VT BRU FLAGRANTE FLAUNIMA	BRU	foae	foae	00:17	02:19	02:36		Pro	foae		17		
016	VT	VT SOROCABA/UMPA RESIDÊNCIA	SORO	fa	foae	00:16	01:43	01:59		mony			17		
017	VT	VT PIRATUBINGA CHACARA CIGARROS	MRA	pros	foae	00:12	01:24	01:36		foae			17		
018	VT	VT MARLIA OPERAÇÃO FAVELA	MRA	Fem	mol	00:16	01:07	01:23		mony			17		
019	VTENC	ENCERRAMENTO + IMAGENS	SOD	ADEF	foae	00:10	00:00	00:10		foae			17		
--- 4º BLOCO ---															
020	NOTA	PÉ V. CRUZ TRANSTORNOS CRECHE	BRU	ADEF	foae	00:35	00:00	00:35		Pro			17		
008	VT	BRU ADOÇÃO CCZ	BRU	foae	foae	00:26	02:29	02:54		Pro			17		
	NOTA	PÉ BRU ADOÇÃO CCZ	BRU	ADEF	foae	00:17	00:00	00:17		Pro			17		
010	VT	VT MRA CAOM EVAÇÃO	MRA	Fem	mol	00:17	02:05	02:22		Pro	mony		17		
014	VT	MRA PROJETO BRASILE	MRA	Fem	foae	00:16	02:05	02:21		foae	mony		17		

Itm Sh Im Cnt Im P2 Move P3 Ordens F8 Cal F9 Pautas F10 Imp Alt F8 Marca Sh F8 Capa F9 CL F10 Tempo

Taskbar: Icarlano 0 Mensagem

System Tray: FT 88 20:53

Ilustração 4 – script de um telejornal local

SP Record – Exibido na TV Record Paulista – Bauru SP

01/11/2011

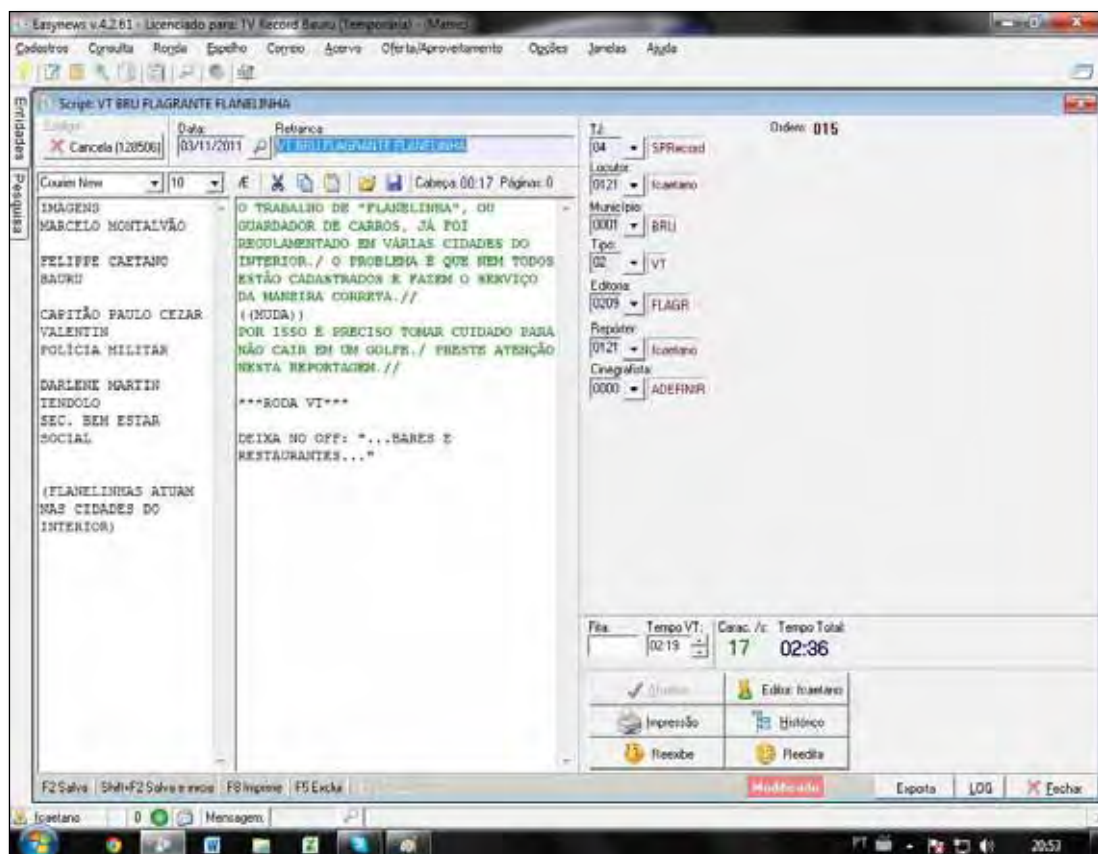


Ilustração 5 – página de reportagem exibida no script

SP Record – Exibido na TV Record Paulista – Bauru SP

01/11/2011

Na primeira imagem é possível observar o que chamamos de espelho do telejornal. É nesta página que os editores dos telejornais colocam as matérias, notas e informações que serão exibidas no programa. A ordem é alterada de acordo com a necessidade e com a prioridade das informações e é claro, levando em conta o tempo do telejornal que é repassado pela programação das emissoras.

Na segunda imagem, um exemplo de uma página de uma reportagem que foi exibida no telejornal. Com as informações da edição, como nomes dos entrevistados, equipe, cabeça que é lida pelo apresentador ou apresentadora e tempo da reportagem.

2.4. NOVAS FERRAMENTAS DA COMUNICAÇÃO E O USO NO TELEJORNALISMO LOCAL

As emissoras de televisão investem cada vez mais em novas formas para a geração de conteúdos. O objetivo é, quase sempre, ampliar a audiência e aumentar a arrecadação comercial. Por isso estão atentas as novidades do mercado tecnológico que podem melhorar a produção. O telejornalismo local também se encaixa nesta realidade. As formas de fazer e exibir notícias não são mais as mesmas. Antes um repórter saía da redação para produzir uma reportagem na rua com um microfone na mão e um cinegrafista que operava a câmera. Hoje a utilização de um telefone celular com conexão de internet rápida, um micro computador e até um rádio de comunicação via satélite são comuns entre os jornalistas que trabalham em emissoras de televisão, mesmo as locais. É preciso que a notícia chegue logo à redação e com o máximo possível de qualidade de imagem, som e conteúdo. Um jornalista que não sabe operar um micro computador, não consegue acessar a internet do celular, enviar arquivos de texto ou vídeo pelo telefone está desatualizado e possivelmente fora do mercado profissional. Saber usar estes recursos não é mais um diferencial, mas uma necessidade básica para o exercício da profissão.

Durante a cobertura de um grande evento, por exemplo, o repórter que está em campo com um celular com acesso à internet ou um micro computador conectado à rede, pode muito bem acessar a uma informação divulgada em uma rede social naquele instante de forma rápida e direta. Com isso o conteúdo chega mais rápido à redação e por sua vez é replicado quase que instantaneamente ao telespectador. Em contrapartida, o jornalista que não possui estas ferramentas fica desatualizado e perde espaço para os colegas de outras emissoras. Os novos aparelhos celulares são praticamente computadores de mão, tiram fotos com alta resolução, fazem gravações de vídeos com longa duração com qualidade satisfatória, funcionam como editores de texto e imagem e acessam a internet tão bem quanto qualquer computador ligado à rede.

As câmeras filmadoras também melhoraram e possuem tecnologia que permite o armazenamento de dados, imagens e áudio na própria memória interna do

equipamento, em pequenos discos ópticos ou em cartões de memória. Além disso, são mais leves e possuem baterias muito mais duradouras.

A novidade que surgiu nos últimos dois anos foi o tablet. No início ele mais parecia um celular maior, que praticamente tinha as mesmas funções dos aparelhos telefônicos portáteis. Mas com a melhoria nos sistemas e softwares, pôde se perceber que eles são muito mais que do que isso, vieram para substituir os netbooks e revolucionar as formas atuais de comunicação. Eles também permitem acesso à internet móvel, muitas vezes com conexão sem fio, alta resolução de imagem, tela maior e com isso, também podem ser usados como editores de texto, geradores de e-mail e exibidores de páginas da *web*. Além do que são muito mais leves que os *net* ou *notebooks*. Estes novos aparelhos surgiram para facilitar a vida dos jornalistas. Deixar o trabalho mais ágil e simplificado, mas para isso é preciso saber usar estas ferramentas.

De modo geral a produção de notícias se beneficiou com estes equipamentos. Muitas emissoras, porém, ainda estão se adaptando, testando ou simplesmente esperando para iniciar a utilização destes recursos. Principalmente no interior, nas emissoras afiliadas, não há ainda uma estrutura satisfatória de utilização dessa tecnologia mais atualizada. Talvez a distância dos grandes centros possa justificar a ausência de mais investimentos das emissoras em suas afiliadas. Mas a perspectiva parece ser promissora. Algumas experiências já trazem a tona estas novidades para o mundo do telejornalismo local. Em capitais como São Paulo (SP) e Rio de Janeiro (RJ), por exemplo, repórteres da Rede Globo usam estes acessórios para aperfeiçoar a produção da notícia.

E isso, como afirmam alguns gestores, ao invés de representar aumento de gastos, produz redução de custos. Na grande São Paulo, por exemplo, onde as distâncias são quase intermunicipais entre um bairro e outro e, o trânsito é quase sempre congestionado na maior parte do tempo, há dez anos era preciso acionar um serviço de moto taxi para que a fita com a entrevista produzida pela equipe de reportagem na zona leste da cidade chegasse a tempo na sede da TV Globo, que fica na zona sul. Isso com uma folga mínima para que o material fosse editado e transmitido no telejornal. Hoje com o uso de computadores portáteis com acesso a

internet, o material é gerado e em poucos minutos está no servidor interno da emissora disponível para as centrais de edição que cuidam do fechamento do telejornal. A emissora ganha em agilidade e economia já que em outras situações era preciso deslocar uma UMJ⁵ até o local onde a equipe estava para gerar as imagens da entrevista que tinha acabado de ser produzida.

Por fim, ainda vão surgir nos próximos anos novos equipamentos que deverão ser utilizados pela produção dos telejornais. Mas é preciso estar atento, verificar a disponibilidade, a utilização e principalmente, se os profissionais envolvidos estarão preparados para acessar estes recursos assim que necessário.

Hoje qualquer empresa com visão de futuro, e não falamos apenas de televisão, jornalismo, sabe que precisa abrir espaço para as inovações, testar novas ideias, seja em produtos, modelos ou sistemas gerenciais. Deve ser uma cultura da organização. (TOURINHO, 2009, p.255).



Ilustração 6 – Novas ferramentas de trabalho dos jornalistas
Fonte: desenvolvido pelo autor

⁵ Unidade Móvel de Jornalismo é o termo usado para classificar um veículo adaptado com antenas que podem gerar sinais e transmitir imagens e sons para a emissora. Estes sinais podem ser utilizados ao vivo, durante a cobertura de um evento, por exemplo, ou simplesmente para enviar um material produzido pela equipe até a redação de jornalismo.

Estes aparelhos são ferramentas indispensáveis para o jornalista que quer atuar nesta era digital que vivemos. Não são apenas acessórios complementares aos materiais anteriormente conhecidos como caneta e bloco de anotações, são tecnologias disponíveis no mercado e que agilizam o trabalho do repórter e muito mais que isso, criam possibilidades de interação e proximidade entre o gerador da notícia, o emissor da informação e o transmissor, ou seja, o personagem, o repórter e a emissora.

2.5. AS MUDANÇAS NO PERFIL DO JORNALISTA FRENTE ÀS TRANSFORMAÇÕES ADVINDAS COM O SISTEMA BRASILEIRO DE TELEVISÃO DIGITAL.

Conhecimento é toda a informação que muda algo ou alguém e que pode servir como suporte para uma determinada ação. De maneira mais prática é a informação em ação. Existe o conhecimento explícito que quase sempre é adquirido por um meio formal de educação e o conhecimento tácito, que por sua vez não está diretamente ligado ao padrão formal, mas sim ao “saber fazer algo”. São as capacidades que cada um tem tanto físicas como mentais.

De acordo com Carl Frappaolo (2004), há basicamente cinco classificações diferentes para o conhecimento, são elas: conhecimento incorporado, aquele utilizado de forma mais intuitiva; o conhecimento embutido que é dividido pelos funcionários de uma empresa por ao longo dos anos; conhecimento intelectual que é gerado pelas capacidades cognitivas e aptidões de cada indivíduo; conhecimento cultural que é passado de um para o outro por meio da comunicação e o conhecimento codificado, expresso por meio de símbolos e sinais, o que por sua vez são mais limitados ao que representam.

Porém o desenvolvimento de uma emissora de televisão e de um profissional da área está diretamente ligado ao conhecimento que possuem e na forma de colocá-lo em prática. Não basta apenas ter o conteúdo de informação é preciso saber compartilhar. Este compartilhamento pode ser feito de diversas formas dentro de uma redação. A partir do momento em que uma organização possibilita a troca

de experiências entre os membros da equipe, reuniões corporativas ou mesmo conversas informais. Mas é preciso estimular essa divisão para gerar melhorias e ainda mais conhecimento. Uma forma mais simples de entender como pode ser passado um conhecimento tácito, ou seja, guardado dentro de cada funcionário, para um conhecimento explícito, que possa ser utilizado por todos é criar ferramentas dentro da redação.

Um exemplo bastante prático é a criação de manuais internos que podem ser feitos inicialmente com o levantamento de dados e informações. Depois seu armazenamento de forma prática e direta em banco de dados digitais ou artigos que possam ser acessados por todo o corpo de funcionários. Um produtor de conteúdo para telejornal local que tenha o conhecimento de um possível entrevistado, por exemplo, ou cenário para a gravação de uma entrevista, pode colocar isso à disposição da emissora, a fim de compartilhar a informação e aperfeiçoá-la, por exemplo.

Outra iniciativa também bastante simples é a realização de reuniões para compartilhamento de conhecimento, onde cada membro da equipe repassa o que foi adquirido naquele dia. Isso pode ficar disponível em um relatório ou comunicado interno que pode ser acessado futuramente e auxiliar no melhoramento da execução de determinadas tarefas. Conhecer uma rota para chegar à um bairro ou um personagem que possa falar sobre determinado assunto é apenas informação. Mas repassar isso aos demais é gerar conhecimento. A ideia é que a ação possa ser refinada à medida que vai sendo repassada de pessoa à pessoa.

Diante das novas possibilidades de geração de conteúdo e de disseminação do conhecimento e informação, será preciso mudar o modo de fazer telejornalismo local aproximando cada vez mais a rotina na redação do papel do trabalho desempenhado diante da comunidade. Conforme relata Peruzzo, para falar da comunidade e de uma determinada localidade é preciso conhecer a comunidade e este conhecimento vem da troca de informações entre os membros da equipe e logicamente entre os membros da equipe e seus interlocutores, no caso, os telespectadores que ajudam nesta nova perspectiva a criar a notícia.

Assim sendo, não basta falar de coisas do lugar para que um meio de comunicação possa ser considerado comunitário, pelo menos não se quisermos falar em conformidade com os princípios teóricos de comunidade. Nessa perspectiva, o que mais importa são as identidades, o vínculo e a inserção como parte de um processo comunitário mais amplo, ou seja, o compromisso com a realidade concreta de cada lugar (PERUZZO, 2002, p. 63).

Conforme afirma Cecília Peruzzo (2002), fazer jornalismo local ou jornalismo comunitário vai além de citar um problema específico de um bairro ou de uma determinada minoria local. Com as mudanças provocadas com a chegada da televisão digital será preciso ampliar mais esse conceito. O telespectador deve se sentir parte do telejornal. Até hoje o conteúdo exibido, na sua maioria, por telejornais regionais era concebido simplesmente pela informação que chegava às redações, mas a partir de agora as redações também devem dar ouvidos às informações que vem da comunidade.

Aquele telespectador passivo que apenas assiste a um noticiário e não interage com a notícia ou sequer manifesta opinião sobre a informação que é repassada já não existe mais. A produção de conteúdo telejornalístico local sempre foi feita com a participação do telespectador, seja enviando uma notícia por meio de carta ou ligação telefônica à emissora. Mas falar com a comunidade desta maneira não quer dizer necessariamente que estamos fazendo telejornalismo local com seu verdadeiro papel social.

Sempre houve tentativas de aproximar a comunidade do telejornal. Experiências bem sucedidas como o Tribuna do Povo da TV Record e o SPTV Comunidade da TV Globo. Momentos no telejornal que colocam a população para falar de seus problemas. Ocorre que com a evolução da televisão por meio da chegada da TV Digital no Brasil, esta comunicação não pode mais partir tão somente das redações, mas deve primariamente vir das comunidades, assim como no início, quando o fio de ligação eram as cartas e os telefonemas.

A divulgação de um problema por parte de uma denúncia, por exemplo, gera conhecimento aos jornalistas, que por sua vez, repassam aquela questão ao poder público e geram uma solução. Mas é preciso estar atento ao que realmente precisa ser mostrado, noticiado. Mas o telejornalismo local não pode se resumir a resolver

problemas. É preciso criar uma identificação maior e mais que isso, aumentar a participação da comunidade no telejornal. Nem sempre o que se toma como importante para ser noticiado é necessariamente o que aquela fatia da população quer saber. E este é o grande desafio desta era da informação. O que faz um morador de determinado bairro ligar a TV para se informar e não mandar um SMS⁶ ou fazer uma ligação para o vizinho a fim de buscar conhecimento? A diferença está na gestão do conteúdo que é repassado. O vizinho sabe bem o que o morador ao lado quer saber, o jornalista nem sempre. Esta falha pode ocorrer porque o jornalista em geral espera a comunidade demonstrar o interesse e não vai à procura do que interessa efetivamente a comunidade.

Outra questão que precisa ser repensada é o acompanhamento das informações que foram exibidas em um telejornal local. Nem sempre o assunto que foi a pauta do dia, volta ao telejornal no dia seguinte. Não há um acompanhamento dos fatos e um aprofundamento no desenrolar da notícia. Ela é divulgada e morre. E isso faz com que o telespectador se distancie do veículo.

Mudar este paradigma é melhorar o noticiário local, ampliar as possibilidades e aí sim, começar a falar em interatividade, mobilidade e outras coisas.

Com estas mudanças será possível se adaptar a nova realidade da televisão digital e de fazer telejornalismo local, estreitar o vínculo entre emissor e receptor e difundir conhecimento e informação. Mas para que isso ocorra é necessário que o profissional procure aperfeiçoar o conhecimento e a empresa interessada em multiplicar este conhecimento.

⁶ Mensagem de texto utilizada em telefones celulares.

2.5.1. JORNALISTA GESTOR DO CONHECIMENTO E DA INFORMAÇÃO RESPONSÁVEL PELA TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

Neste novo cenário da televisão brasileira surgem novas perspectivas e possibilidades. Uma delas é aumentar a importância e a qualidade do telejornalismo local. Aquele perfil de profissional que apenas sabia ir às ruas, ouvir a população e escrever o que ouviu mudou. Hoje não basta saber fazer uma reportagem é preciso ter a consciência do papel desta reportagem na vida daquela comunidade. O jornalista imparcial não deve deixar de existir, mas também não há como produzir conteúdo jornalístico local sem conhecer os problemas, características e as complexidades do local que se quer cobrir. É preciso que o jornalista de televisão saiba muito claramente o papel do veículo em que trabalha e da emissora. Por sua vez a emissora não pode desprezar o conhecimento adquirido por este profissional na realização de suas reportagens.

Ampliar o conhecimento dentro de uma redação é melhorar efetivamente o papel fundamental do jornalista. Não adianta realizar um bom trabalho de campo se esse trabalho não atingir o seu objetivo, que antes de tudo é, informar e gerar a transformação social. Aos poucos as emissoras de televisão locais estão percebendo que é preciso valorizar ainda mais a comunidade de forma a dar espaço não apenas aos problemas, mas também ao conteúdo e informações que vem de cada região.

Não se pode falar nas possibilidades da televisão digital como interatividade, mobilidade, acessibilidade e qualidade de som e imagem sem antes falar no papel do jornalista e do telejornal local. Este perfil jornalístico não pode deixar de existir com a amplificação da geração de conteúdo e da globalização maciça. Ao contrário deve se fortalecer levando como base os princípios da profissão. Com isso será possível aproveitar cada espaço proporcionado por esta mudança na mídia. As redações não estão dispersas ou distantes da comunidade, mas a comunidade está inserida nas redações. O profissional que leva informação e conhecimento à comunidade não pode ser mais apenas aquele que sabe fazê-lo, mas que entende porque fazê-lo.

3. TELEVISÃO DIGITAL E O TELEJORNALISMO LOCAL

Com o passar dos anos as tecnologias foram aperfeiçoadas ou substituídas umas pelas outras. Hoje não é mais possível assistir televisão como há vinte ou cinquenta anos, muita coisa mudou. E não foram apenas os aparelhos que passaram da transmissão em preto e branco para a colorida, do tubo para o *Plasma*, *LCD* ou *LED*. A produção dos conteúdos também se transformou e isso inclui o telejornalismo. Basta assistir a qualquer telejornal que estava no ar há dez anos e que continua sendo exibido, para perceber as diferenças. A televisão está muito mais interativa, diversificada e por que não dizer, interessante. Este fenômeno ocorreu em todo o mundo e principalmente no Brasil, onde a televisão é mais do que um simples equipamento eletrônico, uma vez que está incorporada na cultura popular do país. Dados do IBGE mostram que em 2009, mais de 95% dos domicílios brasileiros possuíam um aparelho de televisão. O que confirma que este ainda é o mais popular veículo de comunicação de massa do país.

Ao longo dos anos o brasileiro se acostumou a se divertir e principalmente a se informar pela televisão e isso não mudou com a chegada das novas tecnologias, como a internet, por exemplo. Pelo contrário. A convergência destes meios está cada vez mais presente. Atualmente é comum participar de uma pesquisa de opinião pela internet, divulgada em um programa de televisão, acessar a um site para votar em um conteúdo específico de um *Reality Show*, responder a uma enquete de um telejornal ou simplesmente acompanhar a página de um determinado programa em uma rede social. Estes costumes, que até alguns anos, não faziam parte da vida dos telespectadores, agora são uma rotina de quem assiste ou faz televisão no Brasil.

Mudanças que foram impulsionadas, principalmente, pelas novas tecnologias. A chegada dos computadores portáteis, dos *tablets*, *smartphones* e da internet obrigou os geradores de conteúdo a se adaptarem. Na maioria das grandes cidades brasileiras já é possível, por exemplo, assistir televisão pelo celular. Sendo assim não é mais possível acreditar que o telespectador assiste ao conteúdo produzido por uma emissora apenas na televisão, na sala de casa. A notícia, as novelas, os programas estão em todos os lugares.

A exibição de vídeos na internet, principalmente em sites como o *Youtube*, forçou as emissoras a mudarem suas próprias páginas virtuais. O que antes só servia para divulgar o endereço físico, contatos ou um breve histórico, agora exhibe vídeos exclusivos, provoca a interatividade e uma das principais mudanças, permite que o público assista a qualquer conteúdo, ainda que em alguns casos tenha que se pagar por eles, a qualquer hora ou lugar. É o que chamamos de *on-demand*.

Os profissionais ligados a produção de conteúdo televisivo também estão mudando e com isso estamos vivendo uma revolução nos meios de comunicação e na geração de notícias. Hoje os perfis mais variados podem ter acesso a ferramentas para, por exemplo, enviar um vídeo ou um texto pela internet e em poucos minutos ter sua informação acessada instantaneamente em qualquer parte do mundo. Isso faz com que ocorra uma mudança estrutural básica no que conhecemos como produção de notícia.

Basta lembrar a cobertura da primavera árabe, onde manifestantes do Egito se mobilizaram pelas redes sociais para organizar manifestos contra o governo. Antes mesmo das maiores redes de televisão do mundo chegarem com suas unidades de transmissão ao vivo fotos e vídeos já eram enviados para a rede mundial por manifestantes. Inclusive foi um *post* publicado no *Twitter*, que informou ao mundo de que havia uma movimentação intensa em uma das praças da capital do país. A partir daí a notícia se espalhou e todos passaram a acompanhar em tempo real e ao vivo cada informação. Como a cobertura deste tipo de situação é extremamente perigosa e envolve altos custos, durante os protestos poucos jornalistas de grandes emissoras foram até o Egito, sendo assim, grande parte das imagens vinham de pessoas comuns que postavam os materiais na internet.

Contudo muito se falou nos últimos anos sobre a chegada da televisão digital no Brasil. Hoje ela já é uma realidade presente em grande parte das cidades brasileiras como mostram os dados do último levantamento feito pela Anatel em setembro de 2012:

Quadro 3 - Número de cidades com sinal digital em pelo menos uma emissora por região

Região	Número de cidades cobertas
Sudeste	162
Nordeste	81
Sul	132
Norte	41
Centro Oeste	32
Total	448

FONTE - <http://www.dtv.org.br> (2012)

Uma outra tabela também da Anatel mostra o número estimado de habitantes até setembro de 2012 com acesso ao sinal digital no Brasil:

Quadro 4 - Percentual da população com acesso ao sinal digital por região

Região	População total da região	População coberta na região	% da população na região com sinal de TVD
Sudeste	80.353.724	47.821.286	60%
Nordeste	53.078.137	16.523.755	31%
Sul	27.384.815	10.936.191	40%
Norte	15.794.045	6.261.665	40%
Centro Oeste	14.050.340	7.077.553	50%
Total	190.661.061	88.620.450	46%

FONTE - <http://www.dtv.org.br> (2012)

Como já foi mostrado anteriormente, o Sistema Brasileiro de Televisão Digital contempla algumas vantagens que podem ser utilizadas pelo telejornalismo local, desde que haja interesse dos gestores de conteúdo e das emissoras. A interatividade por exemplo. Neste caso cabe aqui ressaltar que existem três tipos de

interatividade que poderão ser utilizadas pelos geradores de conteúdo na televisão digital como cita Eduardo Morgado (2011, informação oral⁷):

- 1- **Interatividade local** – hoje a mais comum e mais facilmente implementada, onde o usuário pode acessar um conteúdo disponível em sua *set top box* ou no seu receptor digital. Assim a emissora pode disponibilizar com a transmissão do conteúdo alguns dados, o que pode permitir a programação de gravação de canais e programas, a repetição de cenas, acesso a conteúdos extras etc. Atualmente a TV a cabo *Sky* já utiliza alguns destes recursos;
- 2- **Interatividade intermitente** – depende de um canal de retorno entre a emissora e o telespectador, ao contrário da interatividade local. Este canal de retorno pode ser, por exemplo, a internet ou uma conexão via cabo. Neste caso não é necessária uma comunicação em tempo real. Pode utilizar serviços como mensagens de texto e correio eletrônico;
- 3- **Interatividade permanente** – ainda não é possível no Brasil. Pois precisa de um canal de retorno entre a emissora geradora do conteúdo e o usuário. Neste caso configura-se a verdadeira interatividade com a participação em tempo real do telespectador nos noticiários, por exemplo, com participação ao vivo em programas e o envio de informações on-line.

Contudo as possibilidades são grandes, principalmente para o telejornalismo que pode usar os modelos de serviços disponíveis para criar uma interação maior com o público-alvo, ainda que utilizando, basicamente, a interatividade local. Esse arsenal vai muito além da melhoria na transmissão da imagem e do som, mas possibilita o envio de dados e informações que podem complementar uma notícia, tendo em vista que o telejornalismo é mais dinâmico e ágil que outros gêneros televisivos, como o entretenimento, por exemplo. O tempo em que um noticiário está no ar é delimitado pelas emissoras, então quanto mais rápido for a inserção de uma

⁷ Conteúdo discutido na disciplina Fundamentos e Inovação em Televisão Digital, ministrada pelo prof. Dr. Eduardo Martins Morgado, no segundo semestre de 2012 do Programa de Pós-Graduação em Televisão Digital.

notícia completa, melhor é o entendimento do telespectador e a disseminação da informação. A possibilidade de passar ao telespectador informações adicionais de uma determinada notícia abre novas possibilidades ao fazer jornalístico. Oferecer um conteúdo extra de uma matéria, seja no rodapé da tela em tempo real, simultaneamente a exibição do telejornal ou com a abertura de um menu interativo permite enriquecer ainda mais a informação, dando a ela a completude que muitas vezes não é alcançada no telejornal.

A exibição de um glossário no canto da tela com informações sobre um termo ou sigla utilizada por um apresentador ou entrevistado, o envio de perguntas aos telespectadores sobre determinado assunto ou manchete, entre outras possibilidades, vai fazer com que o telejornal seja bem mais interessante e interativo.

Há também a possibilidade de assistir ao noticiário no carro; ver em tempo real as vias que estão liberadas para o fluxo do tráfego; saber se em determinada cidade que você vai visitar no fim de semana terá sol ou chuva, tudo dentro de um complemento do noticiário, permitirá uma proximidade significativa entre o profissional e o telespectador.

3.1. TELEJORNALISMO LOCAL: MUDANÇAS E FORTALECIMENTO

Até o final do século XX havia a possibilidade de que o telejornalismo local acabasse. Isso por conta da diversificação de informação e da globalização do conteúdo, até por conta da facilidade com que todas as pessoas teriam para gerar seus próprios conteúdos. Mas ao contrário do que previam os pessimistas ligados à área, o telejornalismo local se fortaleceu nos últimos anos, isso se comprova com a ampliação do tempo de produção local na programação das emissoras, conforme foi visto anteriormente, a contratação de novas equipes de jornalismo, a criação de outras sucursais e a expansão dos portais das emissoras regionais na internet.

Ao longo dos anos o telejornalismo local se modificou e se fortaleceu. Tão importante quanto saber o que está ocorrendo nos EUA ou na China é saber o que está sendo decidido na Câmara de vereadores da própria cidade ou os problemas enfrentados por moradores de um determinado bairro do município.

A chegada da Televisão Digital vai provocar, inevitavelmente, uma transformação na forma de fazer e ver telejornalismo local. As possibilidades tecnológicas de geração de conteúdo, inclusive pelo próprio telespectador, vão provocar uma revolução neste viés da comunicação televisiva. Porém, o mercado e os profissionais que nele atuam precisam estar preparados para estas mudanças. A geração de notícia vai ser muito mais ampla e haverá a necessidade breve de criação de novos cargos, funções e a contratação de mais profissionais. Resta saber se as emissoras estão dispostas a fazer este investimento. Do mesmo modo é importante a aquisição de equipamentos, tecnologia, mas também investir na capacitação dos profissionais e na ampliação das redações.

Não é possível conceber a geração de mais conteúdo com o mesmo quadro de funcionários. Será preciso expandir as equipes de reportagem para dar conta de toda a demanda de geração de informação. Mais produtores, inclusive alguns exclusivos para a elaboração de conteúdos extras para internet e os processos de interatividade. Editores próprios para estes conteúdos adicionais e apresentadores que produzam material para áreas distintas em uma mesma cidade. O que indica que os investimentos das emissoras locais não devem ficar apenas nos

equipamentos e na estrutura de transmissão, será muito mais que isso, porém é necessário que se entenda que este será um segundo passo e gradativo, não somente para as emissoras, mas e também para os profissionais e o público consumidor.

Com estas mudanças, o telejornalismo local deverá ganhar ainda mais força. Afinal, a regionalização da notícia já é um fato concreto há quase 30 anos. Ao longo deste período o telejornalismo local passou a se especializar nos fatos que interessavam uma determinada faixa da população. E não poderia ser diferente. As transmissões locais ganharam mais espaço na programação e era preciso dar destaque ao que acontecia no âmbito da comunidade.

O papel social do telejornalismo continua sendo uma ferramenta indispensável para as emissoras locais de televisão. Tanto é que a cada ano surgem novos produtos jornalísticos que dão espaço aos problemas e acontecimentos das comunidades locais.

Um dos princípios básicos do jornalismo é dar voz às pessoas, mostrar os problemas que muitas vezes não são visíveis à sociedade. E isso deve aumentar com a chegada da Televisão Digital, tendo em vista a ampliação dos canais e formas de interação com o telespectador. O telejornalismo se tornou uma ferramenta indispensável para a garantia dos direitos humanos, do desenvolvimento social e econômico. No Brasil o telejornalismo exerce uma função importante de informação e geração de conhecimento. São inúmeros os telejornais locais que contribuem significativamente com o desenvolvimento do país e a emissão de notícias que interessam a população local.

Peruzzo (2002) levantou a questão de que o jornalismo comunitário não está fora deste movimento. Principalmente ao explicar seu crescimento nos anos 90, do século passado. Entre as explicações estão a valorização do local, tanto no ambiente de ação político-comunicativa cotidiana, como pela oportunidade de mercado que ele representa. Locais que produzem conteúdo específico para uma determinada região. Ou como relata Peruzzo “Sua marca é a proximidade,

sintetizada nos sentimentos de pertencimento, de identidades e nos elos do cotidiano”. (2002).

As maiores redes de televisão do país possuem hoje espaços em sua programação para o noticiário local, que têm na maioria das vezes como pauta, assuntos comunitários e que interessam as pessoas de uma determinada região.

O sistema de produção de notícias segue um roteiro praticamente igual em todas as emissoras locais. Há uma equipe de produção ou checagem de informações, os repórteres e repórteres cinematográficos⁸, editores e apresentadores. O que muda é basicamente a linha editorial. Contudo, com a chegada da Televisão Digital no Brasil e as novas possibilidades de interação, mobilidade, acessibilidade e alta definição de som e imagem, a produção de conteúdos locais também vem passando por uma mudança significativa em cada etapa do processo.

Além disso, o profissional que atua em emissoras regionais ou afiliadas não é mais um funcionário qualificado para uma única tarefa, mas multitarefa, ou seja, não basta ser o repórter que vai para a rua em busca da entrevista, muitas vezes ele deverá saber editar seu próprio material e até possuir conhecimentos básicos sobre a gravação de imagens para que possa registrar uma imagem ou um flagrante pelo celular ou câmera portátil com qualidade suficiente para ser exibida no telejornal. É preciso conhecer as novas ferramentas tecnológicas e de geração de conhecimento. Para isso, torna-se necessária uma mudança ampla nas redações e nos ambientes corporativos. Diante das novas possibilidades de geração de conteúdo e de disseminação do conhecimento e informação, será preciso mudar o modo de fazer telejornalismo local.

Cabe destacar que sempre houve tentativas de aproximar a comunidade do telejornal. A divulgação de uma denúncia, por exemplo, gera conhecimento aos jornalistas, que por sua vez, repassam aquela questão ao poder público e geram uma solução. Mas é preciso estar atento ao que realmente precisa ser mostrado,

⁸ Repórter Cinematográfico é o cinegrafista que possui MTB, ou seja tem o registro como jornalista. Nem sempre com formação superior em comunicação social.

noticiado. Mudar este paradigma é melhorar o noticiário local, ampliar as possibilidades e aí sim, começar a falar em interatividade, acessibilidade e outras coisas. Com estas mudanças será possível se adaptar a nova realidade da televisão digital e de fazer telejornalismo regional comunitário, estreitar o vínculo entre emissor e receptor e difundir conhecimento e informação. Mas para que isso ocorra é necessário que o profissional procure aperfeiçoar o conhecimento e a empresa interessada em multiplicar este conhecimento.

3.2. A MOBILIDADE À FAVOR DA NOTÍCIA

Até pouco tempo assistir a um programa de televisão estava restrito unicamente ao aparelho de TV que tínhamos em casa, geralmente na sala ou na cozinha. Hoje sabemos que esta realidade mudou. A televisão vai para onde o telespectador quiser que ela vá. Seja dentro do ônibus, no carro, na rua, no trabalho ou até mesmo dentro do elevador chegando apressado para não perder as primeiras cenas do último capítulo da novela ou do início da partida de futebol. E isso dá ao gerador de conteúdo e mesmo ao telespectador uma nova dimensão do tempo. Ou seja, as notícias deverão ser transmitidas levando-se em consideração que o período em que o telespectador está atendo a uma determinada informação não será mais o mesmo que disponibilizava quando assistia ao telejornal em casa, diante do aparelho de TV. Em movimento as notícias deverão ser mais diretas, rápidas e levando em conta o deslocamento do telespectador.

Ocorre que as novidades tecnológicas possibilitaram uma inovação muito grande no que diz respeito a assistir televisão. Atualmente são inúmeros os dispositivos móveis portáteis que servem para sintonizar a programação da TV aberta. A grande maioria das fabricantes de celulares, tablets e notebooks já pensaram nisso há algum tempo e colocaram no mercado produtos com capacidade para sintonização da programação em qualquer lugar.

Com isso o telespectador passou a acompanhar em tempo real suas preferências no que diz respeito a programação da TV aberta. E não foram apenas as produções de teledramaturgia, os programas de entretenimento e shows que ganharam com este avanço, mas também os telejornais.

Um morador de uma grande capital, por exemplo, passou a acompanhar o noticiário ainda no trânsito, indo ou voltando pra casa. E aos poucos as emissoras de televisão foram percebendo que este seria um caminho sem volta. No entanto que ainda em meados dos anos 2000, diversos canais de televisão aderiram ao jornalismo mais dinâmico, com notícias ao vivo, principalmente as relacionadas à tempo e trânsito. O que no início era veiculado apenas no horário vespertino, passou a ir ao ar também no período da manhã, como uma prestação de serviço, uma forma de levar ao telespectador a informação e o conteúdo necessários para que ele possa estar atualizado sobre certas questões que fazem esta ligação entre o indivíduo e a cidade.

Grandes exemplos deste modelo são os primeiros programas, que ainda sem a tecnologia digital, na era analógica já faziam este trabalho e que se aprofundaram ao longo dos últimos anos, é o caso do Cidade Alerta da TV Record e o Brasil Urgente da TV Bandeirantes. Os dois produtos colocam diariamente no ar informações atualizadas e instantaneamente sobre trânsito e tempo. E podemos dizer que com a tecnologia da TV digital o público e os jornalistas ganharam ainda mais no que diz respeito a geração de conteúdo.

No entanto, emissoras que antes não adotavam este perfil passaram a aproveitar este nicho de mercado e explorar esta característica social da televisão. A TV Globo, por exemplo, lançou em 03 de dezembro de 2007 o telejornal Radar. O programa inicialmente era exibido após o Bom dia Brasil nas emissoras de São Paulo (SP), Rio de Janeiro (RJ), Brasília (DF) e Belo Horizonte (MG). Depois passou a ser adotado por todas as demais emissoras da Rede Globo e suas afiliadas. No Radar SP o apresentador fica em um cenário virtual que possibilita manter informações atualizadas o tempo todo sobre trânsito e tempo. O telejornal mostra as condições de tráfego nas vias da cidade, com imagens aéreas, captadas pelo helicóptero da emissora, de câmeras fixas espalhadas pela cidade, inclusive da CET⁹. Com esta criação, a TV Globo cumpriu um importante papel no que diz respeito à qualidade da informação e com a possibilidade de assistir TV em qualquer lugar. O telespectador passou a se informar em tempo real e em uma cidade como São Paulo (SP), como

⁹ Companhia de Engenharia de Tráfego

mais de 11 milhões de habitantes, estas informações se tornam ainda mais relevantes e o papel do telejornalismo local mais latente.

O programa que em 2007 tinha apenas 3 minutos de duração passou a ganhar mais espaço na programação e hoje conta com aproximadamente 10 minutos de produção dependendo do espaço na programação.

Este é apenas um exemplo do que foi feito nos últimos anos no sentido de disseminar informação de forma mais ampla e ágil. Ocorre que com a TV Digital as possibilidades aumentam. Dependendo da grade de programação das emissoras é possível fazer inserções ao longo do dia com informações. Seja para atualizar ou simplesmente comunicar algo. E não precisa se restringir a tempo e trânsito. É possível passar dicas culturais como programação de teatros, cinemas e museus, quadros de empregos e vagas disponíveis no mercado e até prestação de serviço como comunicar a falta de água em determinados bairros ou mesmo o fim do prazo para fazer o licenciamento dos veículos. Tudo isso é um universo ainda pouco explorado pelas emissoras. Talvez por conta de contratos comerciais e do pouco espaço na programação para a inserção destes informativos, mas é possível.

O telejornalismo local já cumpre este papel social, mas ainda é restrito aos noticiários padrões das emissoras. Com a TV Digital seria possível fazer esta programação paralela, para aqueles que sintonizam as emissoras por meio de dispositivos móveis.

3.2.1. INTERNET COMO CANAL DE RETORNO E O TELEJORNALISMO LOCAL MÓVEL

Criado pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), o Ginga é um software brasileiro, livre, que permite as emissoras executar aplicativos interativos e que podem ser utilizados entre o receptor e o emissor de sinal digital no país. O software que pode vir instalado no aparelho de televisão digital permite que o usuário navegue pelos conteúdos adicionais e complementares enviados pela emissora de televisão. A ideia do Governo Federal e do Ministério das Comunicações é fazer com que o Ginga seja utilizado pelas emissoras como middleware padrão e facilite no uso do canal de retorno. Até o final de 2013 o governo brasileiro pretende que o Ginga esteja em 75% dos modelos de televisão fabricados no Brasil e até a conclusão da implantação do sinal digital em 2016 em 100% dos aparelhos. Porém o apagão analógico como se está chamando, é gradativo e como vimos anteriormente segue um cronograma pré-estabelecido pelo governo e que não está isento de modificações ou adiamentos.

Mas se o Ginga será mesmo o modelo padrão ainda é discutido dentro das emissoras de televisão. Isso sem falar no canal de retorno entre a emissora e o telespectador. Como o telespectador vai encaminhar uma resposta a um quiz interativo ou mesmo enviar um vídeo o comentário direto à redação de jornalismo para ser exibido no telejornal sem um canal de retorno. Porém, uma das ferramentas já existentes e que está consolidada como forma de interatividade é a internet. O que possibilitaria aos telespectadores da Televisão Digital enviar um retorno imediato à emissora desde que tenha um dispositivo móvel com conexão de internet.

A figura abaixo mostra como deve ser o sistema de canal de retorno. A emissora geradora do sinal digital envia para o telespectador ou por meio do Ginga conteúdos específicos ou simplesmente com indicações na tela. O sinal é enviado ao usuário pelas torres de transmissão digital. Por sua vez, o usuário recebe estes dados e envia a resposta aquele estímulo de interação emitido pela emissora, seja ele a resposta de uma enquete, uma pergunta sobre um tema discutido ao vivo ou uma informação.

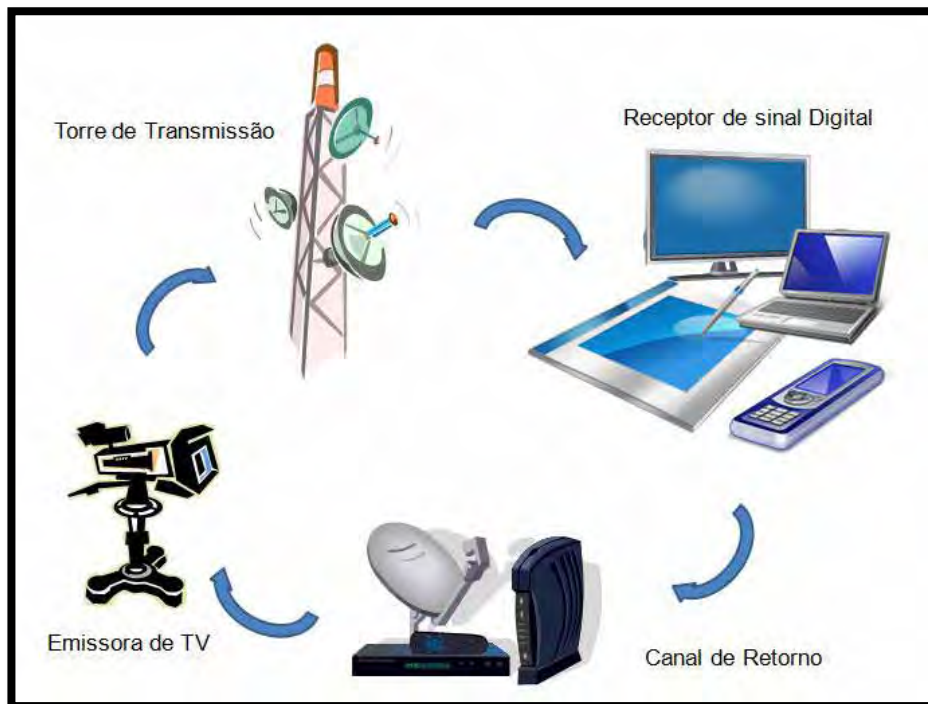


Ilustração 7 – modelo de canal de retorno

Fonte: desenvolvido pelo autor

Na figura acima é possível entender como poderia funcionar a internet como canal de retorno entre o telespectador e a emissora de televisão. O sinal digital é emitido pela geradora até uma torre de transmissão, que por sua vez, emite o sinal para os aparelhos de captação de sinal digital, que podem ser instalados em aparelhos de TV ou mesmo dispositivos móveis. Estes dispositivos, desde que contendo o canal de retorno, no nosso caso, a internet, podem emitir de volta à emissora por meio do set top Box ou mesmo do modem de internet a resposta do telespectador à emissora.

3.3. DESAFIOS DA MOBILIDADE

De acordo com a Agência Nacional de Telecomunicações, o Brasil fechou o mês de outubro de 2012 com mais de 59,01 milhões de aparelhos celulares com acesso à internet 3G e mais de 259,3 milhões de linhas de telefonia móvel. Isso mostra como o acesso à internet e o uso de dispositivos móveis vem aumentando no país, e estes dados representam 56,9% e 11,94% a mais do que no mesmo período do ano anterior respectivamente. Talvez esteja nestes dados a explicação para que o telejornalismo móvel local possa ser um futuro sem volta.

Antes de falarmos sobre os desafios da mobilidade no telejornalismo local é preciso entender o que um telespectador ou usuário busca quando vai assistir a uma transmissão de TV pelo celular, tablet ou televisão portátil. Uma das coisas mais importantes no que diz respeito ao uso da mobilidade é o tempo. Afinal, o telespectador que está acessando a uma informação em uma pequena tela de LCD no dispositivo móvel não quer passar o mesmo tempo que um telespectador que está em casa assistindo a TV quer. Até porque em geral, ele estará em deslocamento ou sintonizado em um espaço de tempo menor. E neste sentido temos que saber exatamente o conteúdo que o telespectador espera assistir.

Se falando de audiência móvel, temos que pensar que o telespectador estará no carro, no ônibus, aguardando uma carona ou se locomovendo de alguma forma e com isso a atenção dele não será a mesma que a dispensada para um determinado conteúdo televisivo em casa. Por este motivo, não será possível exibir conteúdos muito longos e que exijam uma atenção maior de quem está recebendo este sinal digital.

Uma solução dentro do telejornalismo móvel, provavelmente será a apresentação de horários de voos, informações sobre atraso de ônibus, previsão do tempo, condições de estradas, tráfego nas cidades, agendas de serviços como prazos para o pagamento d IPVA, licenciamento de veículos ou mesmo a transmissão da agenda de programação de um teatro, cinema ou espaço cultural. E com isso vale aqui salientar mais uma vez o papel social que o telejornalismo móvel deverá empenhar.

O telejornal produzido para dispositivos móveis deverá ser um complemento das notícias que são veiculadas na TV, levando em conta as características peculiares

do telespectador que estará em movimento. Por tanto, precisa-se levar em conta a colocação das pesquisadoras Beatriz de Araújo Cavenaghi e Maria José Baldessar quando relatam:

Pensando em lugares e não-lugares, a pauta e a formatação dela é imprescindível. Voltar no tempo, e fazer jornalismo de serviço, nos modelos de um dispositivo móvel não tão novo como rádio, obriga uma reorganização da redação e, principalmente, uma nova cultura profissional. Nesse mesmo sentido, quando oferecemos imersão, esses conteúdos devem ter uma lógica navegacional, rapidez para carregamentos e, claro, adequação aos formatos de tela, possibilidade de alta definição, qualidade de som, salvamento para posterior impressão, etc. (CAVENAGHI, BALDESSAR, 2012, p. 06).

Além disso, é preciso saber que como haverá a possibilidade de interação por meio principalmente da internet, além de haver mais produtores de conteúdo, existirá uma necessidade maior de filtros, por este motivo os jornalistas que vão trabalhar na televisão desta nova fase, terão que estar prontos para atuar nestes casos.

Outra questão que deve ser mencionada é o tamanho da tela em que se vai assistir a uma transmissão de televisão digital ou de um telejornal móvel. As telas dos telefones celulares, tablets e televisores portáteis dificilmente ultrapassam as 10 polegadas, isso pode até ocorrer com um notebook, por exemplo, mas em geral, os conteúdos móveis, inclusive os já existentes, são acessados por telas pequenas e isso deve certamente gerar um desconforto ao telespectador que está assistindo a uma programação de televisão digital pelo dispositivo móvel portátil, como mostra a figura a seguir:



Ilustração 8 – Diferença de imagem na tela do aparelho de TV e no celular

Fonte: desenvolvido pelo autor

Uma das adaptações necessárias estará diretamente relacionada com o enquadramento e a forma de se conduzir uma entrevista, um programa, boletim ou informativo jornalístico. Estas mudanças se farão necessárias para que o telespectador ou usuário do telejornalismo móvel possa se sentir confortável e com interesse pelo conteúdo.



Ilustração 9 – Opção de enquadramento do apresentador no telejornal móvel local

Fonte: Desenvolvido pelo autor

Os ícones na tela que possam permitir a interação entre o telespectador e a emissora também devem ser pensados para se evitar desgastes do usuário do dispositivo móvel no momento do toque ou de escolher uma opção, por exemplo. Por este motivo, talvez uma saída seja interromper a programação vinculada no momento em que o telespectador decidir clicar em um atalho para acompanhar uma informação adicional ou um conteúdo extra, como um mapa no momento de uma reportagem sobre o trânsito, ou uma tabela sobre datas para o pagamento do IPVA¹⁰.

De qualquer modo até aqui, estamos falando sobre as dificuldades que poderão surgir quando falamos de transmissão de televisão digital para dispositivos móveis, ainda assim, são questões que deverão ser discutidas em conjunto entre os departamentos da emissora como jornalismo, operacional, informática, multimídia e engenharia. Ainda assim é possível pensar no telejornalismo móvel local como uma

¹⁰ Imposto para veículo automotor.

realidade desde que haja investimento, estudos, projetos e interesse por parte dos profissionais e emissoras.

Além disso, há alguns dispositivos móveis portáteis que já possuem uma tela maior como os tablets ou os netbooks, por exemplo, mas ainda assim, há outras questões envolvidas que precisam ser melhoradas como conforto de sustentação do usuário ou telespectador ou tamanho de ícones ou informações adicionais.

3.4. MODELOS DE CONTEÚDOS

Como foi amplamente discutido ao longo deste trabalho, as possibilidades para o telejornalismo local com a chegada da televisão digital e de uma de suas principais características, a mobilidade, são muitas e é preciso discutir e criar espaços para se desenvolver novos métodos de produção e modelos de conteúdos que poderão ser acessados em qualquer lugar por meio de dispositivos móveis. A seguir veremos dois modelos de produtos jornalísticos para o telejornalismo móvel local que são sugeridos com base na programação exibida atualmente por dois telejornais locais vinculados em emissoras locais de Bauru SP, a TV Tem, afiliada Rede Globo e TV Record Paulista, emissora da Rede Record. Alguns modelos já foram citados e outros não, mas todos poderão ser utilizados pelos geradores de notícias.

O objetivo dos tópicos à seguir é exemplificar as possibilidades reais e que podem ser implementadas de acordo com o interesse das emissoras. Estes protótipos não foram amplamente aprofundados levando em conta que este não é o foco principal do trabalho, que tem como linha delimitadora, a discussão das propostas e novas maneiras de fazer telejornalismo local para dispositivos móveis.

Em primeiro lugar vamos apresentar uma proposta de telejornal móvel para a TV TEM, emissora afiliada da Rede Globo:

- **TV TEM**

Uma das características mais marcantes observadas nos telejornais da TV Tem, principalmente no TEM Notícias primeira e segunda edição, nos meses de novembro e dezembro de 2012 e que refletem um padrão apresentado pela emissora, além do noticiário local voltado aos principais assuntos do dia, esta a prestação de serviços. A emissora possui diariamente, em alguns de seus produtos jornalísticos locais, quadros como bolsa de empregos, onde são exibidas as vagas semanais de alguns órgãos públicos como Poupa Tempo, CIEE¹¹ e prefeituras municipais. Dicas de agenda cultural, com opções de lazer como filmes em cartaz nos cinemas da região, programação artística de teatros, galerias e bibliotecas e previsão do tempo, com a meteorologia para algumas cidades da área de cobertura da emissora que tem sedes em Bauru, São José do Rio Preto, Sorocaba, Jundiaí e Itapetininga, ambas no estado de São Paulo. Com base nestes quadros que representam o papel social e de serviços da emissora é possível sugerir um telejornal compacto com o nome opcional **TEM Serviços**, vinculado exclusivamente para dispositivos móveis como tablets, celulares e notebooks. Neste telejornal que pode ter de 5 a 8 minutos de duração, seria possível apresentar durante vários momentos em inserções a cada 3 horas ou menos, por exemplo, os conteúdos ligados ao que foi citado acima. Um apresentador no estúdio, em um cenário não muito chamativo e que dê destaque ao jornalista, apresentaria um resumo destes quadros, que já podem ter sido vinculados no telejornal convencional, para a televisão digital, e que foi assistido também no fluxo normal da programação pelo dispositivo móvel ou não.

A produção deste produto deve levar em conta as características da mobilidade como enquadramento, velocidade das informações e linguagem direta. Durante a execução deste programa, que pode ser enviado pela emissora como um dado separado do fluxo de programação, gravado, ou ao vivo durante uma exibição extra, o telespectador pode acessar a páginas da internet de determinados assuntos citados no **TEM Serviços** como o site do Poupa Tempo para saber endereços de empresas que estão contratando ou mesmo locais para o recolhimento de taxas municipais. Por meio destes ícones na tela, o

¹¹ Centro de Integração Empresa e Escola

telespectador também poderia acessar agendas completas dos cinemas da região, sinopses de filmes, trailers ou ficha técnica com nome de atores e diretores, além de horários detalhados das sessões e até mesmo um link com acesso à página do cinema para a compra de ingressos por meio de dados do cartão de crédito ou reserva de lugares. O mesmo valeria para teatros e museus.



Ilustração 10 – Modelo de layout da tela do dispositivo móvel para o **TEM Serviços**

Fonte: Desenvolvido pelo autor



Ilustração 11 – Modelo de layout da tela do dispositivo móvel para o **TEM Serviços** (2ª tela)

Fonte: Desenvolvido pelo autor

Em seguida veremos uma sugestão de conteúdo para dispositivos móveis que podem ser adotados pelas emissoras regionais da TV Record. Com base em uma análise no programa Balanço Geral e SP Record, é possível notar que além das notícias diárias os produtos da emissora exibem conteúdo voltados mais intensivamente para a comunidade, relatando problemas, mostrando situações enfrentadas pelos moradores com um papel social mais marcante e forte.

- **TV RECORD PAULISTA**

No caso da TV Record Paulista de Bauru, além do noticiário convencional com as principais notícias do dia-a-dia da região, os telejornais também exibem serviços, mas levando em conta uma característica mais relevante na produção da emissora que é o jornalismo de prestação de serviços e que foi acompanhada nos

meses de novembro e dezembro de 2012. São reportagens sociais com caráter mais comunitário. O telejornal local Balanço Geral, por exemplo, exibe reportagens voltadas à problemas da comunidade como falta de água, saneamento e pavimentação. Além disso, está sempre voltado a orientar motoristas, moradores e cidadãos quanto à prazos e informações relacionadas ao poder público. Pensando neste padrão de telejornal é possível sugerir o programa **Record Comunitária**, que seria voltado especificamente para dispositivos móveis.

O programa poderia contar com um tempo estimado de produção entre 5 e 10 minutos, levando em conta principalmente a característica do telejornalismo móvel de ser dinâmico e exibido em um curto espaço de tempo para que o telespectador tenha acesso em trânsito e em qualquer lugar, sem a necessidade de dispensar um grau elevado de concentração e atenção. Também poderia ser exibido a qualquer hora do dia, de acordo com a necessidade de informação da redação ou da disponibilidade técnica de exibição. Contaria com informações sobre prazos para o pagamento de taxas públicas como IPVA, IPTU e ISS, impostos brasileiros, greves de órgãos públicos, funcionamento de repartições municipais, aeroportos, rodoviárias, telefones úteis de autarquias da prefeitura, órgãos estaduais e federais. Acesso aos sites complementares e conteúdos adicionais destes departamentos.



Ilustração 12 – Modelo de layout da tela do dispositivo móvel para o **Record Comunitária**

Fonte: Desenvolvido pelo autor



Ilustração 13 – Modelo de layout da tela do dispositivo móvel para o **Record Comunitária**

Fonte: Desenvolvido pelo autor

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS: O PAPEL DO TELEJORNALISMO LOCAL DIANTE DA MOBILIDADE DA TELEVISÃO DIGITAL

Diante de tudo que foi visto ao longo deste trabalho foi possível notar que o telejornalismo local se fortaleceu nos últimos anos. Ganhou mais destaque dentro das produções das emissoras e investimentos como contratação de equipes, compra de equipamentos, modernização de aparelhagens e maior espaço na grade de programação.

O papel desempenhado pelo telejornalismo local também está mais latente nos produtores de conteúdo, seja nos jornalistas, operadores, engenheiros ou técnicos. E estar ciente deste papel não deve ser apenas uma opção para quem produz conteúdo para este gênero jornalístico televisivo, mas uma obrigação, afim de manter no telejornalismo local um caráter social, informativo e transformador como vimos anteriormente.

Com a chegada da televisão digital no Brasil, as possibilidades de produção e geração de conteúdo aumentam, levando em consideração as características da televisão digital como qualidade de som e imagem, interação, mobilidade e acessibilidade. O governo brasileiro estipulou prazos para que a implantação do sinal digital definitivamente no país venha a acontecer e apesar dos números repassados periodicamente pelas agências reguladoras não mostrarem um avanço significativo, até este momento, em grande parte do interior, os prazos estão sendo seguidos e os investimentos estão sendo feitos.

Outro ponto relevante deste trabalho é mostrar que para desenvolver ainda mais o telejornalismo local é preciso estar preparado para às mudanças que virão com a televisão digital. As ferramentas utilizadas para a geração de conteúdo e para a criação de reportagens, abordagens e difusão de notícias se aperfeiçoaram, se modificaram e os profissionais que estão diretamente ligados a este setor devem estar atentos a isto.

Os jornalistas e produtores de conteúdos para o telejornalismo local deverão entender de forma mais latente que o papel deste gênero é não apenas informar, apesar desta função estar inserida diretamente na definição do jornalismo, mas informar com qualidade, isenção e voltados para a transformação social, geração de

conhecimento e expansão das ideias dos telespectadores. Que por sua vez também passam por transformações na forma de ver e interagir com o telejornal.

Os dispositivos móveis de acesso à informação, a evolução da internet e das redes sociais, fizeram com que os telespectadores comesçassem a não apenas assistir passivamente a um noticiário, mas a opinar e participar dele. Com isso, o telespectador define a audiência e até a qualidade do noticiário.

O acesso aos conteúdos televisivos em qualquer lugar e a qualquer hora já é possível nos dias de hoje, mas com o advento do sinal digital no país as possibilidades se multiplicam. Mesmo assim, com este trabalho, foi possível ressaltar que toda e qualquer modificação na geração de conteúdo, informação e conhecimento está diretamente ligada ao interesse das emissoras e de seus funcionários em acompanhar toda esta evolução e desenvolver novas metodologias produtivas.

Cabe aqui salientar que o processo de produção da notícia, como foi visto ao longo do trabalho, não deve mudar, mas sim, ser aprimorado, aperfeiçoado e melhorado no sentido de estreitar a experiência do telespectador de assistir a um telejornal local. Algumas destas ideias poderão também ser adotadas por emissoras de rede e que exibem noticiários em âmbito nacional, mas como o foco do trabalho é o telejornalismo local, não podemos falar das mudanças, sem citar seu papel social e comunitário.

O telejornalismo local está no centro da geração do conhecimento e da informação e para se manter ativo deve estar atento às inovações que surgem com a chegada da televisão digital no Brasil. Por sua vez, o jornalista, responsável pela produção, geração e divulgação da notícia tem que mudar sua forma de se relacionar com a notícia e com aqueles que a criam dentro de uma comunidade local. Falar em telejornalismo local é também falar da comunidade, de seus interesses, expectativas e, estar atento a isso faz toda a diferença no exercício da profissão.

Mas vale aqui ressaltar que todos estes pontos relatados neste trabalho são possibilidades que poderão ser adotadas pelas emissoras de televisão, mas dependem principalmente dos interesses econômicos dos grupos e das

disponibilidades de investimentos. O país ainda caminha na implantação dos sinal digital, o aprimoramento das tecnologias ainda é um desafio para os setores de comunicação. E, além disso, as emissoras de televisão comerciais no país são empresas que visam o lucro, o faturamento financeiro e por este motivo não se sabe exatamente se haverá disponibilidade para que o telespectador possa interferir mais assiduamente na produção do conteúdo. Em alguns casos isto pode ser utilizado apenas como um chamariz de uma suposta preocupação com a audiência, o que nem sempre irá se comprovar. Mesmo assim é importante saber destas possibilidades, ainda que neste momento, é difícil perceber esta abertura das emissoras.

É preciso, além disso, entender que fazer telejornalismo local é mais que mostrar problemas ou apontar soluções. É entender como vive e como se relaciona com os fatos tal comunidade local. Tendo como base os princípios da profissão de jornalista, que são a busca pela verdade e pela informação, as mudanças provocadas pela nova era digital estão diretamente relacionadas à forma como o profissional realiza este trabalho.

A televisão digital deve mudar a forma de ver e ouvir notícias e com isso as organizações e os profissionais precisam se adaptar as formas de produzir conteúdo. Para que isso ocorra é necessário também se adaptar a esta nova realidade política, social e econômica que tem como linha geral a valorização do ser e não apenas do saber fazer e com isso entender que o telespectador não é mais meramente um receptor de notícias, mas um interagente delas.

REFERÊNCIAS

ALBINO, João P., Um estudo sobre a influência da comunicação mediada por computador nas relações sociais. In: **Revista Comunicação Midiática** – 2006, FAAC-UNESP Bauru, (v. 5, Ano 3, pp. 179-201)

ALBINO, João P., REINHARD, Nicolau, SANTANA, Silvina. O uso da tecnologia de informação como apoio à adoção da gestão do conhecimento nas organizações: uma proposta de categorização. In: **Revista do CCEI-Centro de Ciências da Economia e Informática** (2008 v.12 – n.21, pp.52-60).

ALVES, K. C. **Telejornalismo e interatividade na TV Digital: uma construção colaborativa e participativa no espaço digital**. 2010. 174 fls. **Dissertação** (Mestrado em Televisão Digital) – Universidade Estadual Paulista – UNESP Bauru, 2010.

BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo. **Manual de Telejornalismo: os segredos da notícia na TV**. Rio de Janeiro. Campus, 2002.

BARBOSA, Gustavo e Carlos Alberto Rabaça. **Dicionário de comunicação**. Rio de Janeiro, Campus 2ed., 2001.

BAZI, Rogério Eduardo Rodrigues. **TV regional: trajetória e perspectivas**. Campinas, SP: Alínea, 2001.

BOLAÑO, César Ricardo Siqueira. **A Televisão Brasileira na era Digital: exclusão, esfera pública e movimentos estruturantes**. São Paulo: Paulus, 2007.

BONNER, William. **Jornal Nacional: modo de fazer**. São Paulo: Globo, 2009.

BRITTOS, Valerio C.; BOLAÑO, César R. S. **A televisão brasileira na era digital**. São Paulo: Paulus, 2007.

BRENNARD, Edna. **Televisão Digital Interativa: reflexões, sistemas e padrões**. São Paulo: Mackenzie; Vinhedo: Horizonte, 2007.

CANNITO, Newton. **A Televisão na era digital: interatividade, convergência e novos modelos de negócio**. São Paulo: Summus, 2010.

CRUZ, Renato. **TV Digital no Brasil: tecnologia versus política**. São Paulo: Senac, 2008.

CHUA, Alton, LAM, Wing. **Why KM projects fail: a multi-case analysis**. 2005. In: *Journal of Knowledge Management*. (v. 9, n. 3, pp. 6-17).

DAVENPORT, T. H. **Knowledge Management and the Broad Firm: Strategy, Advantage and Performance**. 1999. In J. Liebowitz (Ed.), *Knowledge Management Handbook* (pp. 2-1 2-11). Boca Raton: CRC Press.

FADUL, Anamaria e GOBBI, Maria Cristina. **Mídia e região na era digital: diversidade cultural, convergência midiática.** São Paulo: Arte & Ciência, 2006.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência.** 2 e. São Paulo: Aleph, 2009.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** Tradução de Carlos Irineu da Costa. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2000.

MELO, José Marques de (org). **O campo da comunicação no Brasil.** Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

O'DELL, Carla, HUBERT, Cindy. **Positioning Knowledge Management for the Future.** 2011. Chapter 1. American Productivity & Quality Center.

PATERNOSTRO, Vera Íris (Coord.). **Globo News: 10 anos, 24 horas no ar.** São Paulo: Globo, 2006.

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O texto na TV: manual de telejornalismo.** Rio de Janeiro, RJ: Elsevier, 2006.

PERUZZO, Cicília Maria Krohling. **Televisão Comunitária: Dimensão Pública e Participativa Cidadã na Mídia Local Rio de Janeiro:** Mauad X, 2007.

REZENDE, Guilherme Jorge de. **Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial.** São Paulo, SP: Sammus, 2000.

TEIXEIRA, Lauro H. de Paiva. **Televisão Digital: Interação e Usabilidade.** Goiânia: Ed. da UCG, 2009.

TOURINHO, Carlos. **Inovação no Telejornalismo: o que você vai ver a seguir.** Vitória, ES: Espaço Livros, 2009.

TOURINHO, Carlos. **Jornalismo Regional e Optativo na Rede Globo: Programa Paineiro de Domingo.** 1ed. Vitória: Espaço Livros, 2007.

VIZEU, Alfredo (organizador). **A sociedade do telejornalismo.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

VIZEU, Alfredo; MOTA, Célio Ladeira; PORCELLO, Flávio A.C (organizadores). **Telejornalismo: a nova praça pública.** Florianópolis, SC: Insular, 2006.

YORKE, Ivor. **Telejornalismo.** São Paulo, SP: Roca, 2006.

WOLTON, Dominique. **Elogio do grande público: uma teoria crítica da televisão.** São Paulo, SP: Editora Ática, 1996.

Jornal Nacional: A notícia faz história / Memória Globo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ED., 2004.

SITE OFICIAL DA TV DIGITAL BRASILEIRA. Disponível em:
<<http://www.dtv.org.br>>. Acesso em: dezembro de 2012.

SITE DA TV GLOBO DIGITAL – HDTV – REDE GLOBO. Disponível em:
<<http://www.tvglobodigital.com>>. Acesso em: dezembro de 2012.

SITE DA TELECO – INTELIGÊNCIA EM TELECOMUNICAÇÕES. Disponível em:
<<http://www.teleco.com.br/tvdigital.asp>>. Acesso em: dezembro de 2012.

SITE DO MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES. Disponível em:
<<http://www.mc.gov.br>>. Acesso em: dezembro de 2012.

SITE DA TV DIGITAL NA PÁGINA DO MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES.
Disponível em: <<http://www.mc.gov.br/tv-digital>>. Acesso em: dezembro de 2012.